

EXTRA PAUTA

Jornal do Sindicato dos Jornalistas do Paraná - <http://www.sindijorpr.org.br> • sindjor@sindijor.org.br

Nº 42 - Abril/Maio 99

500 VAGAS NAS UNIVERSIDADES...



HÁ ESPAÇO PARA TANTOS JORNALISTAS?

Em consequência da política educacional do Governo FHC, que busca facilitar o acesso ao ensino superior, novos cursos de comunicação foram abertos este ano em Curitiba. A abertura de cursos coloca em discussão o mercado de trabalho. Ele terá como absorver tantos jornalistas formados anualmente?

Páginas 4, 5 e 6.

ENTREVISTA

Um dos mais conhecidos repórteres internacionais da televisão brasileira, Sílio Boccanera fala de guerras e do que considera ser a principal qualidade para um repórter trabalhar em um conflito: o medo.

Páginas 8 e 9.

SAÚDE

O peso das câmaras de televisão tem sido o inimigo número 1 à saúde dos repórteres cinematográficos.

Páginas 20 e 21.

Everson Bressan



MEMÓRIA: RUAS HOMENAGEIAM JORNALISTAS

Muitos desconhecem, mas Curitiba possui mais de 100 ruas que homenageiam jornalistas paranaenses ou pessoas que criaram e redigiram um jornal, bem antes da profissão ser regulamentada e reconhecida como é nos dias de hoje.

Páginas 14, 16, 17 e 18.

NEGOCIAÇÃO SALARIAL: DISSÍDIO PODE SER JULGADO ESTE MÊS

Editorial

AS IDÉIAS E OS JORNALISTAS

Emerson Castro

As comemorações no Dia do Jornalista, promovidas pelo Sindicato dos Jornalistas, têm uma dupla intenção. Primeiro trazer aos profissionais um pouco do que há de melhor em termos de reflexão no país sobre os mais variados temas, do jornalismo em si à economia, da ciência à espiritualidade, da discussão sobre as mudanças tecnológicas à previsão sobre o que será a juventude no século 21. Segundo, levar à comunidade a reflexão dos próprios jornalistas sobre o homem, sua principal fonte de trabalho que na prática é quem dá origem à notícia e a quem ela também se destina.

Num país que se diz criativo, espanta a falta de reflexão sobre o que está a nossa frente, concretamente acontecendo. A percepção da realidade – leia-se notícia, informação – é subjetiva, passível de discussão, ou pior, manipulação. Entender o que foi o processo de privatização ou o resultado de uma pesquisa eleitoral e transformar isso em material jornalístico exige reflexão. Mais: exige o entendimento profissional de que o resultado desse trabalho implica em responsabilidade para com a sociedade.

Emerson Castro
Presidente do SJPP

BALANÇO APROVADO

O Sindicato dos Jornalistas teve aprovado seu balanço financeiro sobre 98, em assembléia realizada dia 29. Publicado na edição de março do Extra Pauta, o balanço revelou que o Sindicato teve ano passado resultado positivo entre receitas e despesas. Para este ano as previsões não são otimistas e a entidade deve fechar o ano com menos dinheiro em caixa, fruto da queda na arrecadação, pois até o momento não cobrou a taxa assistencial - 2% em dezembro e 2% em junho -, devido ao não fechamento da Convenção Coletiva com os patrões.

EXPEDIENTE

EXTRA PAUTA

Extra Pauta é órgão de divulgação oficial da Gestão Extra Pauta do Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Paraná. Rua José Loureiro, 211 - Curitiba/Paraná - Cep 80010-140 - Fone/Fax (041) 224-9296

Jornalista Responsável
Emerson Castro Firmo
Reg. Prof. 2230/09/186

Redação
Alvaro Collaço

Colaboraram nesta edição:
Ciméa Bevilacqua, Sidney Machado,
Casemiro Linarth, Padre Roque e
Mônica Fort.

Fotografia
Everson Bressan, Chuniti Kawamura,

Julio Covello e Kraw Penas.
Ilustrações
Noviski
Edição Gráfica
Paradigma Design Editorial
Tiragem
3.000 exemplares

As matérias neste jornal podem ser reproduzidas desde que citada a fonte. Não é de responsabilidade deste jornal os artigos de opinião e as opiniões emitidas em entrevistas, por não representarem, necessariamente, a opinião de sua editoria.

Opinião

ENSINO SUPERIOR: MUDANÇAS E PROBLEMAS

Padre Roque

Nos últimos meses cresceu o número de denúncias veiculadas pela imprensa sobre a desorganização da oferta privada de cursos e vagas no ensino superior. Preocupado com esta questão, apresentei no mês passado requerimento de informações ao Ministério da Educação, a fim de saber o número de novas vagas e novos cursos oferecidos depois da LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação - nº 9.394/96). Pedi também que tipo de instituições foram responsáveis pela sua abertura.

Minha preocupação central está na qualidade desses cursos, especialmente diante da crescente mercantilização do setor educacional ensejado pelo descompromisso do governo no atendimento da demanda por ensino superior. Um fato é concreto, nos últimos anos a demanda pelo ensino superior cresceu bastante. Ante a falta de investimentos públicos, pode-se dizer que se abriu um espaço gigantesco para sua oferta privada.

A avaliação dos cursos oferecidos, restrita basicamente ao Provão, feito ao final do curso, faz com que haja uma grande apreensão da comunidade acadêmica. O raciocínio é simples. Numa instituição nova, num curso novo, o aluno só saberá da qualidade do ensino oferecido ao seu término. A preocupação é justificada, já que os dados da última avaliação mostram que dos 126.823 formandos dos dez cursos submetidos ao Provão, em junho do ano passado, a maioria recebeu nota três - numa escala de zero a dez. Ora, isto é uma mostra clara da situação da imen-

sa maioria dos cursos de graduação oferecidos no país.

Além disso, a quota de docentes com pós-graduação exigida nas universidades não atinge instituições de outros tipos, tais como as faculdades e os centros de ensino superior. Como a quota deve ser seguida pela instituição e não necessariamente pelos cursos em cada caso, a instituição pode estar enquadrada na regra, mesmo que a maioria dos seus professores e cursos estejam dispensados de atender a esse requisito.

Soma-se a tudo isso a questão da autonomia universitária. Assunto sério e debatido na Câmara ao longo de toda a legislatura passada, com opiniões conflitantes. Agora, segundo o ministro da Educação (Sr. Paulo Renato), isso será resolvido por lei (ou talvez medida provisória). Ante a resistência à sua própria proposta, o governo encontra uma saída facilitada, aproveitando-se de eventuais vantagens regimentais a fim de emplacá-la com o mínimo de debate.

Em suma, o conjunto dessas questões nos deixa preocupados e nos faz crer que um ensino superior de qualidade, público e que responda a crescente demanda social, ainda está longe de se tornar realidade, especialmente num país cujo governo parece estar mais preocupado com estatísticas do que com a qualidade de serviços.

Padre Roque é deputado federal (PT-PR) e professor licenciado da Universidade Estadual de Ponta Grossa.



Dia do Jornalista TEMPO DE REFLEXÃO, AO INVÉS DE COMEMORAÇÃO

7 de abril é o Dia do Jornalista. Uma data para ser comemorada por toda a categoria. No Paraná, no entanto, 99 mostra-se ideal para os jornalistas refletirem sobre a perda salarial da categoria nos últimos 17 meses que, por conta da negativa dos patrões em negociar com o Sindicato, chega a 6,6%.

A data-base no Paraná é outubro. Como os patrões aceitaram só comparecer a uma reunião de negociação, onde sequer apresentaram propostas, o Sindicato ajuizou o dissídio em 1º de outubro. A expectativa é de que o julgamento pelo Tribunal Regional do Trabalho se dê ainda em abril. Em todo caso, os patrões ainda dispõem de tempo para voltar atrás e repor as perdas salariais dos seus funcionários. Isso eliminaria um problema que as empresas criaram para si mesmas: em razão do acúmulo dos valores não pagos à categoria, o montante devido já ultrapassa a 20% da folha de pagamento.

Para Cid Cordeiro Silva, superintendente técnico do Dieese- Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Sócio

Econômicos-, que presta assessoria a vários sindicatos, entre os quais o de Jornalistas, é hoje conveniente que os patrões repõem a inflação. "O problema é que a inflação está crescendo. O índice que demorou 12 meses para atingir, agora se tem em três meses".

Cordeiro não vê justificativas coerentes dos patrões em não terem reajustado os salários. No caso dos jornais, mesmo apresentando problemas com a alta do custo do papel, esta majoração foi de 14% em relação aos preços praticados em 97. Neste mesmo período, o preço das capas sofreu reajuste de 40%. O papel representa em média 30% dos custos totais dos jornais.

Ante a falta de negociações e a tensão provocada pela proximidade do dissídio, o Sindicato pede aos jornalistas para que reflitam sobre o peso que a manutenção de um piso salarial desde outubro de 97 impôs às suas finanças. Afinal, a previsão é de que a inflação em 99 dispare, por conta de uma crise econômica prevista desde maio de 98. Isso, porém, é outra estória.



PERDAS PARA UM SALÁRIO DE R\$ 1.000,00

3,16% = R\$ 31,60 x 6 meses = R\$ 189,60
 Acrescentando-se a inflação entre outubro/98 e fevereiro/99 temos: 3,16% + 2,30% = 5,54% ou seja, a partir do salário de fevereiro estamos perdendo R\$ 55,40 por mês.
 Com a inflação de março estimada em 1%, a perda da categoria chega a 6,6%.

7 DE ABRIL LEMBRA PAPEL DA IMPRENSA NA ABDICAÇÃO DE D. PEDRO I

A comemoração de 7 de abril como Dia dos Jornalistas no Brasil relaciona-se com a abdicação de Dom Pedro I, nesta mesma data, em 1831, em cujo episódio a imprensa teve importância fundamental.

Um ano antes do fim de seu governo,

Dom Pedro atacara a imprensa, na época identificada com os liberais e reprimira passeatas nas ruas do Rio de Janeiro. Em 20 de novembro de 1830, morreria assassinado o jornalista Líbero Badaró, que se tornaria mártir da luta dos liberais por uma nova constituição. Após o assassinato, Dom

Pedro perdeu o apoio popular. Passeatas foram organizadas, como em 11 de março de 1831, conhecida na história do Brasil como a "Noite das Garrafadas".

Sem o apoio da imprensa e de populares, não restava a Dom Pedro I outro caminho senão a abdicação. E ela tornou-

se realidade quando os quartéis aderiram às manifestações em 6 de abril.

"O Repúblico", um dos jornais de esquerda, pregava o "dever sagrado da resistência à tirania".

Na madrugada de 7 de abril, Dom Pedro abdicaria e o país entraria em um novo período mo-

nárquico. Viria a regência, período instaurado para que Dom Pedro II atingisse a maioria e a família real brasileira pudesse retomar poder e prestígio, muito abalados nos 2 últimos anos, dos 9 em que durou o governo de Dom Pedro I.

Mercado de Trabalho

O NEGÓCIO DO MOMENTO

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação permite que determinados cursos universitários sejam criados com total autonomia pela iniciativa privada, colocando em risco o equilíbrio entre oferta e demanda de profissionais formados.

É como se o governo tivesse aberto uma porta. Ao definir como política educacional o amplo acesso à educação de nível superior - democratizando o vestibular pela abertura de cursos em instituições particulares diversas -, se vê desde o final do ano passado um "boom" de cursos superiores no país. A explosão de cursos atende a uma exigência dos tempos de globalização, onde a educação torna-se um produto em si, desvinculado do mercado de trabalho. É o primeiro passo para que recrudescer a competitividade nas profissões, que no futuro terão um volume consideravelmente maior de oferta do que demanda de trabalhadores. Se, individualmente, as pessoas ganham podendo participar de um mercado antes restrito a poucos, coletivamente projeta-se um cenário de fragilidade maior nas relações entre emprego e trabalho.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação, de número 9.394, de 1996, ganhou em

97 decreto, através do qual distingue universidades de centros universitários, reservando àquelas atuação nas áreas de pesquisa e extensão.

vação da abertura de curso deve ser submetida ao Conselho Nacional de Saúde, além de Direito, só aprovada com parecer da Ordem

serva-se ao papel de supervisor da instituição, comprometendo-se a realizar avaliações periódicas por técnicos do MEC e especialistas das áreas - profissionais destacados na comunidade acadêmica. Constatadas irregularidades, a instituição pode perder seu credenciamento.

É o que pesa agora, sobre a Uniandrade, acusada de irregularidades pelo Conselho Nacional de Educação e a Procuradoria Geral da República. O seu vestibular atraiu 3.150 pessoas, número abaixo do esperado pela instituição, que resolveu suspender 29 cursos. O problema é que ela não havia prestado informações claras sobre esse risco aos estudantes em material de propaganda. Outra irregularidade seria a cobrança retroativa das mensalidades de janeiro e fevereiro, meses nos quais sequer havia a autorização da instituição em realizar o vestibular. A Uniandrade exigiu dos estudantes de comunicação o pagamento imediato de duas mensalidades no ato da matrícula - o que totaliza R\$ 798 - além das mensalidades de março e abril até o final de março. Ante a ameaça de só virem a assistir a primeira aula após cada um desembolsar um R\$ 1.500, vários calouros da universidade imediatamente acionaram a Associação de Defesa e Orientação do Cidadão - ADOC. Contra a universidade foi, ainda, instaurado processo em delegacia de polícia.



Everson Bressam

Alunos da Uniandrade.

Estabelece, ainda, que todas as instituições só funcionem, se credenciadas pelo Conselho Nacional de Educação, do Ministério da Educação. Aos centros universitários - como são o Centro Universitário Campos Andrade (a Uniandrade) e o Positivo -, o governo ofereceu autonomia para "criar, organizar e extinguir em sua sede, cursos e programas de educação superior, assim como remanejar ou ampliar vagas nos cursos existentes". Os centros universitários só não possuem esta autonomia em quatro cursos: Medicina, Odontologia e Psicologia, cuja apro-

dos Advogados do Brasil. Isso explica porque dos 18 cursos oferecidos pelo Centro Universitário Positivo e os 47 da Uniandrade não figuram Medicina, Odonto, Psicologia e Direito.

O mesmo decreto determina que os cursos autorizados deverão iniciar suas atividades no prazo máximo de doze meses, a partir da autorização pelo Ministério da Educação. Se a instituição de ensino não implantá-lo neste período, fica impossibilitada de oferecer o curso por um ano. A existência deste prazo, somada ao interesse das instituições em faturar o mais rapidamente possível, as levou a lançar os cursos com rapidez. A Uniandrade, por exemplo, teve sua autorização em 11 de fevereiro. Imediatamente lançou uma maciça campanha publicitária, oferecendo 47 cursos. O vestibular aconteceu em 14 de março e o ano letivo iniciou em 5 de abril.

DESCREDENCIAMENTO

Neste processo de abertura de cursos, o governo re-

DOIS ANOS DE INVESTIMENTO

Para abrir um curso, as universidades devem seguir os pareceres do MEC específicos a cada área e que estabelecem as diretrizes curriculares e as condições estruturais necessárias para o ensino, tais como biblioteca, laboratórios e computadores. O curso só pode iniciar seu processo de regulamentação após formatura da primeira turma, após o parecer realizado por uma equipe de especialistas nomeada pelo MEC.

Para Adriana Casali, chefe do Departamento de Comunicação Social da UFPR e que recentemente participou de uma equipe de especialistas que analisou as condições de uma faculdade de relações públicas no sudoeste do Paraná, é fácil uma universidade mostrar que tem condições de funcionar nos dois primeiros anos. "Como a maioria dos cursos, o currículo mínimo de comunicação possui matérias teóricas do tronco comum, basta montar salas de aula. Necessariamente, não precisa ter laboratórios nem precisa de profissionais da área", diz.

No terceiro ano, sim, com as matérias técnicas, há necessidade de professores com conhecimento específico em jornalismo e a construção do laboratório de fotografia e estúdios de rádio e televisão. Para as universidades a exigência é que elas só construam laboratório e estúdios a partir do terceiro ano, utilizando-se inclusive dos recursos obtidos com as mensalidades dos alunos.

ANO DE CRIAÇÃO DOS CURSOS DE JORNALISMO

UFPR	1969
PUC(*)	1986
UEPG	1985
TUIUTI	1994
POSITIVO	1999
UNIANDRADE	1999

* antes funcionou na década de 70, até 83.

FORMADOS PARA UM MERCADO SATURADO

A criação de dois novos cursos superiores de Jornalismo em Curitiba neste início de ano fez surgir uma pergunta óbvia. Como ficará o mercado de trabalho daqui a quatro anos, quando as seis universidades que possuem o curso na região Sul do Paraná (UFPR, PUC, Tuiuti, Positivo e Uniandrade, em Curitiba, e a UEPG, em Ponta Grossa) deverão formar juntas cerca de 450 estudantes por ano? Neste cálculo considera-se as prováveis desistências de alunos e o fato da Uniandrade não ter preenchido as 200 vagas que ofertou em seu primeiro vestibular. Os professores que dirigem os seis cursos apostam em princípios de seleção natural.

"Os melhores vencerão", diz o jornalista e advogado Noel Samways, responsável pelo recrutamento de coordenadores e professores na Uniandrade. Para ele, a quantidade de acadêmicos que se formarão anualmente em Curitiba "avilará um pouco o mercado de trabalho". "Mas, isso é uma questão a ser resolvida pela própria categoria, a partir do Sindicato", destaca. Seguindo este raciocínio, a abertura de vagas por uma instituição pode obedecer a um único

critério: o interesse dos alunos por um curso, que por vezes aumenta até em função de um personagem de novela. Se há procura de alunos para um curso, mais vagas para este curso. A Uniandrade abriu 200 vagas em jornalismo, mas acabou tendo de reduzir a oferta pela metade em razão da procura de alunos. Na Tuiuti são 180 vagas, somando os vestibulares de verão (quando abre inscrições para os períodos diurno e noturno) e o de inverno (quando abre inscrições para o período vespertino). No Positivo são 140 vagas, oferecendo aulas pela manhã e à noite. Na Universidade Federal do Paraná, cujo curso é o mais antigo em atividade no estado, o número de vagas saltou de 22 para 30.

CLIENTES E NÃO ALUNOS

"O que não podemos esquecer é que neste novo conceito educacional, o aluno virou cliente", ressalta o jornalista Edgard Melech, chefe do Departamento de Comunicação Social da Universidade Tuiuti. "Na medida que tem mais escolas, cria concorrência e isso dá condições aos cursos. Aí pesará a qualidade das universidades, seus laboratórios, os professores", complementa. Melech não acredita que o mercado de trabalho terá problemas com tantos jornalistas recém-formados. "Nós estamos discutindo isso há pelo menos vinte anos, quando só havia duas universidades de jornalismo em Curitiba. Eu me lembro que já conversávamos sobre as dificuldades do mercado de trabalho e como os jornais absor-

veriam os recém-formados".

Outro que é favorável à abertura dos cursos é o jornalista Alexandre Castro, que por oito anos coordenou o curso na PUC e hoje faz o mesmo no Positivo. "O mercado de trabalho é relativo. Se você pensa em Curitiba, existe uma limitação. Mas o aluno não é obrigado a trabalhar em Curitiba. Há outras cidades". Castro defende um único tipo de limitação aos cursos: a de qualidade, possível a partir de uma constante fiscalização do MEC.

PESQUISA

A única universidade no Paraná a possuir uma pesquisa sobre a inserção dos seus alunos no mercado de trabalho é a Estadual de Ponta Grossa. Ainda assim, a pesquisa disponível é de 1996, que deve ser novamente realizada este ano. "Na primeira pesquisa chegamos a um dado positivo. Cerca de 70% dos formados estão trabalhando na profissão, em diferentes áreas", afirma a jornalista Irvana Chemin Branco, coordenadora do curso. Isso foi possível, pelo próprio perfil dos acadêmicos da UEPG, que em sua maioria vem de outras cidades do interior do Paraná e retorna para elas após formada. Outros procuram alternativas em pólos do Estado, como um grupo de quatro recém-formados que optou por iniciar a carreira em Foz do Iguaçu.

No caso da PUC, os formados acabam sendo pela maioria absorvidos pelo mercado de Curitiba, seja nos veículos tradicionais, como criando ou trabalhando em agências de comunicação. "Se formos considerar os veículos, sempre há lugar para uma pes-

VAGAS OFERECIDAS NO VESTIBULAR

UFPR	30
PONTA GROSSA	40
PUC	70
POSITIVO	140
TUIUTI	180
UNIANDRADE	200*

* Vagas abertas no vestibular.

soa com formação boa de base cultural", lembra a jornalista Celina Alvetti, chefe do curso de Comunicação da PUC. "Como o mercado está mais difícil a cada ano, o diferencial é o indivíduo. Uma pessoa interessada em fazer pesquisa vai ter espaço, ainda que demore um pouco", explica. Seguindo um contato direto com jornais e televisões, de quando em quando Celina recebe ligações de diretores de veículos sugerindo que os alunos preencham fichas cadastrais.

"Eles têm sido bem aproveitados. Só que temos de considerar que não há muitas vagas nos veículos de comunicação em Curitiba", pondera Alvetti.

Se as oportunidades profissionais não atendem a todos, hoje para não mais que 300 formados ao ano, a tendência é piorar. Em quatro anos, além dos formados pela PUC, UFPR, Tuiuti e UEPG, haverá os do Positivo e Uniandrade. Curitiba deve, ainda, ter mais dois cursos. A Universidade Curitiba está interessada em abrir Jornalismo em substituição a Ra-

dialismo, não levado adiante em razão do mercado de trabalho restrito aos profissionais. A Gama Filho, por



Foto digitalizada Everson Bressam

Melech: o aluno é cliente.

sua vez, como informa Edgard Melech, adquiriu terreno para construir seu centro politécnico em São José dos Pinhais.

158

É o número de jornalistas diplomados e registrados na DRT em 98. Portanto habilitados para exercer a profissão.

Foto digitalizada Everson Bressam



Noel Samways: avitoria dos melhores.

PROBLEMAS E SOLUÇÕES DOS CURSOS

Uniandrade SEM COORDENADOR

Embora tenha decidido em fevereiro pela criação do seu curso de Jornalismo, o Centro Universitário Campos de Andrade demorou para contratar o coordenador do curso, professores e definir o projeto pedagógico que aplicará. A duas semanas do início das aulas, a contratação do coordenador estava praticamente assegurada pelo jornalista Noel Samways, que tem especialização em gestão de instituições de ensino e é o responsável pela seleção de coordenadores e professores na instituição. Contudo, em 31 de março, na universidade não havia confirmação do nome do coordenador.

Como muitas matérias do tronco comum não necessitam de professores jornalistas em sala de aula, a Uniandrade deverá contar com os professores oriundos das faculdades que a formaram. A Uniandrade nasceu da fusão das faculdades Versalhes, Palotti, Plácido e Silva e AETI- Associação de Ensino de Tecnologia e Informática.

Tuiuti EMPREENDEDORISMO

Orientar os futuros jornalistas a buscar espaço no mercado de trabalho. Esta é a intenção da Tuiuti, que fez inovações no currículo do curso e introduziu a disciplina "Empreendedorismo - Técnicas de Gestão para Empreendedores", que é ministrada no primeiro ano.

Além disso, aposta em projetos alternativos, como o "Zine", realizado há dois anos com a Gazeta do Povo e hoje em sistema de rotatividade com a PUC, que significa a produção e edição pelos alunos de uma página do caderno Fun. Outros trabalhos importantes foram a realização de 15 programas semanais do projeto "Jovem Cidadão", que foram ao ar pela TV Cidadão, e a coluna Cartaz, publicada no jornal Agora Paraná.

Positivo NÃO LINEAR

O Centro Universitário Positivo inicia suas atividades acenando com fortes investimentos. Além de um novo campus no Champagnat, o Positivo construirá laboratório de fotografia e estúdios de



Sala de aula do Positivo.

rádio e TV para este ano, conforme expectativa do coordenador Alexandre Castro. "O estúdio de TV será feito com material não linear, todo digital", explica. Neste sentido, já estão sendo adquiridas as câmaras de televisão digital, bastante leves, que se utilizam não de fitas de vídeo, mas de mini-discs.

Outro investimento é o jornal laboratório. O

primeiro jornal do curso deve sair logo neste mês, tendo Alexandre garantido a realização das oito edições solicitadas pelo MEC ao ano.

Estas matérias fazem parte de um levantamento sobre a qualidade de ensino das universidades de comunicação e como elas tratam questões importantes, como o mercado de trabalho. Na próxima edição, o Extra Pauta levantará a questão curricular.

ANÚNCIO

Entrevista

EM UMA GUERRA É ACONSELHÁVEL O MEDO

Um dos repórteres internacionais mais emblemáticos da televisão brasileira, Sílio Boccanera diz estar cansado do "hard news", como ele se refere aos jornais diários. Após 20 anos sendo repórter internacional, tendo trabalhado na Globo e SBT e coberto inúmeras guerras e conflitos, ele hoje prefere a tranquilidade de um programa semanal. Mestre em Telejornalismo pela Universidade da Califórnia, Boccanera apresenta o programa Revista Europa, na GNT-Globosat, e possui coluna em 10 jornais brasileiros, entre os quais O Estado do Paraná. É autor dos livros "Revolução na Nicarágua" e "Jogo Duplo". No Paraná para a Teleconferência do Sebrae, em 4 de março, concedeu esta entrevista ao Extra Pauta.

Extra Pauta - Um repórter de guerra precisa ter qual qualidade?

Sílio Boccanera - Medo. É como disse um editor, na hora de contratar para a Editoria de Guerra: "Eu só contrato covardes". É preciso ter medo, porque o medo dá diferencial para saber aonde pode ir e aonde não pode.

EP - Numa guerra, no período de três ou quatro dias pode-se assimilar como se comporta e se movimentar nas regiões de conflito.

SB - É mais ou menos o exemplo dos assassinatos durante o carnaval em São Paulo. Foi uma barbaridade. Quando se chega numa situação de conflito, devagarinho se vai acostumando e sofre situações para se anestesiar, senão não se trabalha. O jornalista se anestesia temporariamente, escapa daquilo e vai embora. Mas, depois tem suas consequências, paga-se um preço por isso. Se tem pesadelos. Às vezes, mesmo lá, se é derrubado. Não é o combate, a parte dos tiros, bombas, mas as pequenas coisas que derrubam. Até hoje nada chegou a me derrubar a ponto de ter que ir embora. Mas tem coisas que te tocam mais que outras.

EP - O jornalista José Hamilton Ribeiro voltou ao local em que foi ferido no Vietnã. Você chegou a voltar a algum lugar que lhe marcou no passado?

SB - Mês que vem vou à América Central, voltarei a El Salvador e a Nicarágua, países que não vejo há vinte anos, depois da Revolução

Sandinista e da guerrilha de El Salvador.

EP - A América Latina foi experiência mais difícil que você teve?

SB - Não. Em cada lugar que se vai, se passa por experiências diferentes. Tem algumas experiências que marcam mais forte, mas daí se vai para outra guerra, de outro calibre. A guerrilha na Nicarágua era uma guerra de calibre mais moderado. Entre as armas havia até faca. No Líbano eram caças da aviação israelense, tanques, mísseis. Na Bósnia, o massacre étnico. Cada um o impacto de forma diferente.

EP - Algumas das imagens marcantes em guerras são de assassinatos frios, como recentemente de um rapaz em Serra Leoa. Você já presenciou alguma cena de assassinato?

SB - Não. Cheguei a ver resultados: mortos, destruição, prédio bombardeado e as pessoas dentro, soterradas. A coisa mais próxima nesta linha que vi foi na Nicarágua, quando deram um tiro no jornalista (o repórter americano Bill Stewart, da cadeia de televisão ABC, executado pela Guarda Nacional, exército do então ditador Anastasio Somoza, em 20 de junho de 1979). Eu conheci esse cara, ele estava não só no mesmo hotel, mas no mesmo andar que eu. Foi brutal. Era um cara que conhecíamos - estávamos todos os jornalistas no mesmo hotel -, ele saiu de manhã e ... Agora o impacto: quantas pessoas foram mortas desta forma?

Umas duzentas. Só que ele foi filmado. E foi uma coisa banal. Ele pediu uma autorização para filmar. O soldado disse: "deite-se no chão". E "puff". Isso eles faziam à vontade, com a população toda, só que aquela morte foi filmada.

EP - Para qual lugar você não voltaria mais?

SB - Eu volto, mas depende da hora. Eu voltei ao Líbano depois da guerra e foi uma maravilha. Tem conflito no sul, na fronteira com Israel, mas Beirute é um lugar pacífico. Na Bósnia eu não piso desde 95, mas lá não é propriamente um local de atração turística.

EP - Sempre se fala que o jornalista possui facilidade de acesso em outros países. Mas não se sente muito isso. Há quem não mostra o documento de jornalista por medo, para não ter de passar por um imenso questionário. Essa facilidade de acesso ao jornalista é mesmo irreal? Ele não tem privilégios noutros lugares?

SB - Não. Se instaurar um conflito em Israel, você precisa ser registrado e estiver trabalhando. Se você estiver cobrindo a guerra e não se registrar, não cobre. Tem que ter um passe. Seu material é censurado e, inclusive, não se pode mostrar o rosto do soldado, não se pode mostrar um monte de coisas. E você só vai aos lugares

com aprovação. Até a guerrilha o credencia. Em El Salvador, cada quartelão era controlado por uma guerrilha e cada uma tinha uma credencial.

EP - A censura é sempre comum aos jornalistas em guerra, mesmo aos estrangeiros?

SB - Sim, mas há áreas de guerra com controle eficiente e outras que são bagunçadas. Todo mundo quer controlar, mas tem lugares que são tão bagunçados que não conseguem controlar. Em Israel eles são muito organizados. Já as guerras da América Latina...

EP - Um jornalista precisa ser sempre organizado durante uma guerra. É mais difícil fazer a cobertura, na medida em que a quase todo instante há alguma coisa importante acontecendo?

SB - É o dia-a-dia. Vai se resolvendo o que se faz e o que não se faz. A cada momento se faz um julgamento. Às vezes, acontece uma coisa fora dali e pára tudo. Por exemplo, eu estava em

El Salvador uma vez, no mês de dezembro, quando haveria uma investida da guerrilha, a chamada "Investida final", na qual iriam derrubar o governo. Eu me lembro que estava tomando meu café quando recebi a notícia que mataram o John Lennon. Então, fiz a mala e fui embora. No dia em que matam alguém como o John Lennon não se tem matéria. Imagine se algum cara vai querer saber da guerrilha de El Salvador.

EP - Já houve alguma matéria que você tenha feito e foi censurada na edição ou não foi ao ar?

SB - Não. O pessoal que trabalha no exterior é um pouco isento nisso. Mesmo na época do regime militar, em que a censura era uma coisa pesada, a área externa era um pouco poupada. De certa forma, era até um jeito de tapar buraco, porque as notícias brasileiras eram totalmente censuradas. Este é um dos motivos que explica a presença maior do noticiário internacional naquela época do que hoje:



Sílio Boccanera: vinte anos de jornalismo no exterior.

EP - Houve mudança no estilo dos repórteres da

mudança no estilo do repórter. Há mudança no assunto. Antes nós cobríamos o fato. Hoje eles tendem a cobrir o paralelo, as coisas em volta. Há uma atração maior em assuntos de comportamento e que não são o fatural do dia. Esse só é registrado brevemente. Recentemente, no Jornal Nacional, a matéria de Londres era sobre a "Química do Amor"...

EP - Isso não obedece a critérios de audiência?

SB - É inescapável que você acabe atendendo ao apelo da audiência. E é indiscutível: essas matérias dão audiência. Não adianta a gente ter ilusões. Temos de discutir o assunto em outro nível, a questão da dosagem. O editor não pode ficar só com o que o público gosta, ficar com a receita e o macaco namorando na árvore.

EP - Se nisso tudo se baseia a audiência. Onde fica a informação real?

SB - É dosar entre o que o público quer e precisa ter. Quem faz esse julgamento, naturalmente subjetivo, são os editores. O trabalho deles é esse, são pagos para isso. Eles têm que julgar: "Isso aqui pesa mais e isso aqui é chato, mas preciso dar porque o público precisa se informar".

EP - Como você analisa as coberturas de governo no exterior? O jornalista escalado do Brasil para viajar com a comitiva, não acaba se encantando um pouco com a importância dos políticos brasileiros?

SB - Às vezes não é má fé. Em 90% das coisas que você vê no ar e acha que é conspiração, é pura incompetência ou falta de informação. Tem gente que está na comitiva - não é o governo quem paga, são os veículos, que é muito crítica, não é chapa branca. Às vezes é má interpretação, é o cara que pega o jornal escandalizado

que não tenha nenhuma linha nos jornais. "Como? O presidente está visitando o país e não tem nenhuma linha?".

EP - Na última visita do presidente dos Estados Unidos ao Brasil, as agências internacionais montaram um cenário em um hotel, tendo ao fundo plantas que dariam a idéia de floresta. Este tipo de armação é comum em se tratando de correspondentes estrangeiros?

SB - Eu estava em um seminário de imprensa ano passado e, por acaso, lá estava uma brasileira que trabalhava para agência de notícia WTN, que é uma das grandes agências de notícias internacionais e hoje se chama APTN. O trabalho dela é montar a infra-estrutura para as televisões estrangeiras que cobrem no Brasil. Ela disse: "Vocês não vão acreditar. Só foi usado aquele cenário porque o fio dava até ali e não podia mudar

de cenário". Às vezes, as explicações são tão imbecilmente simples que a gente não consegue acreditar. As transmissões ao vivo de Israel todas têm rigorosamente o mesmo cenário. É a porta da emissora que faz a retransmissão, a câmara de lado para onde tem duas palmeirinhas, porque o fio só vai até ali. Se o cara quiser fazer mais longe terá de pagar uma transmissão de microondas, o que é caro. Se vê na televisão no mundo inteiro, o cara e detrás as duas palmeiras. Antes da Guerra do Golfo, quando estava aquele negócio dos brasileiros reféns e tal (epi-sódio envolvendo funcionários da construtora Mendes Júnior) estávamos em Bagdá e os caras do governo controlavam muito. Não se poderia ir a lugar algum sem que os caras controlassem. Então, para se fazer alguma coisa, tinha de dar uma escapada e o local mais próximo

mo era o jardim do hotel. Lá tinha algumas palmeiras. Deserto, palmeiras... está bom.

EP - Qual a reportagem mais difícil que você fez?

SB - Dificil, eu não saberia dizer. São graus de dificuldade variável. Eu diria que a reportagem de maior impacto que teve para mim - pessoalmente, não o impacto de público - foi justamente a queda do Muro de Berlim. Porque eu estava em Berlim quando ele caiu e por tudo que significa, não o incidente em si.

EP - Você já chegou a chorar em cena?

SB - Em cena não. É claro que não sou imune, mas me seguro e me anestesia um pouco diante dos eventos. Eu acho que há um certo abuso do apelo emocional em cobertura jornalística, que é uma coisa meio pobre. A reação emocional é sua, você pode perder um pouco de controle, mas não tem expor isso no ar, senão vira tele-novela.

Sem vocês, qualquer fonte seca.
Obrigado por nos fazer jorrar!



ASSOCIAÇÃO
COMERCIAL
DO PARANÁ

Assessoria Jurídica TERCEIRIZAÇÃO PREDATÓRIA NO JORNALISMO

Sidnei Machado

Nos anos 90 várias estratégias administrativas e gerenciais em emergência ganharam repercussão não somente junto aos administradores, mas tomaram conta do imaginário daqueles que vivem do trabalho. A terceirização é característica exemplar desse fenômeno. Porém, a sua assimilação a-critica pelos trabalhadores e a utilização pelas empresas tem provocado uma verdadeira desordem no mercado de trabalho brasileiro, além de induzir e seduzir grande parte dos trabalhadores.

Terceirizar, na linguagem administrativa, nada mais é do que transferir setores ou unidades da produção a outras empresas. A transferência deve se dar nas atividades não consideradas fins da empresa, ou seja, aquelas cujas funções não diretamente ligadas ao produto principal da empresa. A indústria automobilística é que primeiro se valeu desse modelo ao transferir os custos de toda a produção de acessórios a empresas menores, ficando apenas com a responsabilidade pela montagem do

produto final. Mas, para os trabalhadores, o que representa a terceirização? Sem dúvida, esse modelo não foi idealizado para servir aos interesses do trabalho. Para o trabalho a terceirização deve ser entendida como subcontratação de mão-de-obra.

A vulgarização dos termos "terceirização", passando a idéia de empresa moderna, tem permitido uma utilização desenfreada do modelo de forma fraudulenta. Para esses tudo pode ser terceirizado, basta não registrar o empregado e solicitar

que preste serviço através de uma empresa devidamente constituída. É a isso que chamamos de falsa terceirização, pura fraude dos direitos trabalhistas, pois apenas permite que a empresa sonegue o FGTS, o 13ºsalário, férias horas-extras, pagar indenizações por demissão, sem falar na exclusão do empregado a toda rede de proteção social (pequena, mas que ainda existe) do seguro-desemprego, contagem do tempo de serviço, seguro por acidente de trabalho, pensão por morte, dentre outros garantidos pela Previdência Social.

No Brasil, após generalizado na indústria, a falsa terceirização atinge o comércio e o setor de serviços. No mercado de

trabalho de comunicação, já começa a ser mo-da terceirizar cadernos inteiros de jornal, programas de rádio e televisão de departamentos fotográficos e, em muitos casos, o próprio serviço de investigação de redação jornalística, como aconteceu recentemente na TV Curitiba, Canal 2-Bandeirantes.

É possível tal prática pela legislação trabalhista brasileira? Da forma que estão se dando, a resposta é não. Como o produto fim da empresa jornalística é a informação, a terceirização não poderia se dar em relação a esses serviços essenciais indispensáveis à produção da notícia.

Os serviços de confecção de matérias

Sidnei Machado é assessor jurídico do Sindicato dos Jornalistas e atende sempre às terças-feiras pela manhã na sede do Sindicato, ou no seu escritório (Rua XV de Novembro, 270 - Sala 701- Fone: (041) 223-6906)

também não permite a sub-contratação, pois o trabalho de redação implica em subordinação jurídica do profissional ao chefe-de-redação ou editor do jornal ou televisão. Para esse tipo de trabalho, a lei determina a contratação direta do profissional como empregado. A única exceção conhecida como terceirização legítima no setor é o trabalho do freelance, que representa o trabalho esporádico da venda do material jornalístico. O chamado "frila fixo" não passa de verdadeiro empregado trabalhando irregularmente.

ANÚNCIO

No Banco da Escola EM BUSCA DE UM FUTURO MELHOR

A necessidade de focalizar o futuro e dispor de ferramentas para enfrentar novas exigências de mercado, levou alguns dos mais conceituados repórteres-fotográficos do Paraná a voltar aos estudos e, enfim, depois de muitos anos trabalhando em jornal, cursar Jor-

matográficos na TV Educativa; Chuniti Kawamura, Denis Ferreira, de O Estado do Paraná, e Giovani Santos, do Jornal do Estado.

A entrada deles na universidade está um pouco relacionada com as reuniões da Associação dos Repórteres Fotográficos e

futuro e crescer profissionalmente", enfatiza Edson Silva. Se o diploma será o passaporte para um desafio, Edson reconhece que a carga teórica recebida nas aulas tem mudado o seu trabalho no jornal. "Agora, numa entrevista, não fico mais no retrato, na

16 anos", declara Serápio, que admite estar hoje lendo mais, seja livros, revistas ou jornais. "Antes, eu pegava um jornal e só via as

fotografias. Agora, também procuro analisar o texto". Qual Edson, o dia-a-dia de Serápio é puxado: trabalho no jornal pela manhã, Tuiuti à tarde e trabalho na

PREPARANDO NOVOS HORIZONTES

O retorno ao estudo também vem recuperar a auto-estima profissional, como é o caso de Giovani Santos, repórter-fotográfico desde 76 e que chegou a parar de fotografar em 92, por não suportar mais a rotina do jornal. Saiu de O Estado do Paraná e montou uma loja de bicicletas. Em 96, fechou a loja e voltou ao mercado de trabalho. Então, sentiu dificuldades para arranjar emprego. "Com a minha idade a oferta de trabalho é res-trita. Se tivesse curso, iria lutar como editor, dar aula, teria mais opções". Casado com a jornalista Suzana Branco, pós-graduada pela Federal, e pai de uma filha que cursa engenharia na Federal e de um filho que está terminando o 2º grau, Gio-vani admite

estudar, só de madrugada mesmo em casa. "Só eu naquela casa que não estudava e ainda estava procurando trabalho". Hoje, ele se delicia com as matérias de psicologia e sociologia e tem traçado um novo plano de vida: "ficar no jornal por dois, três anos e depois dar aula, seja de Fotografia ou de Teoria da Comunicação", revela.

Com o diploma, os repórteres-fotográficos sentem que estão rompendo preconceitos. É um doce adeus ao estigma da marginalidade que acompanhou a profissão e cansou a muitos profissionais. Sobre isso, enfatiza Edson Silva: "Nós queremos mais respeito e estamos conquistando, inclusive dos colegas de jornal".

Eveverson Bressam



Serápio e Giovani: de volta às aulas.

nalismo. Na Universidade Tuiuti, a turma do segundo ano vespertino reúne cinco repórteres: Pedro Serápio e Edson Silva, da Gazeta do Povo e que trabalham também como repórteres cine-

Cinematográficos-ARFOC, que recebeu de alunos a reclamação de que eram poucos os professores de fotografia nas universidades. "Eu senti um filão que se abria para mim: dar aula no

ilustração. Tento passar também alguma informação", diz.

Assim como Edson, Pedro Serápio se orgulha da decisão de realizar o curso. "Eu estava sem estudar há

Internacional

OS FRANCESES DUVIDAM DA INDEPENDÊNCIA DOS JORNALISTAS

Há 11 anos, o Sofres (Ibope francês) toma o pulso da ligação tumultuosa que os franceses mantêm com sua mídia. E, cada ano, a sondagem publicada no Croix et Téliorama é uma verdadeira ducha fria para a profissão. O primeiro raio caiu em 1987. Vere-dicto: o mito do quarto poder não passa, para a opinião pública, de uma grande brincadeira. Só 26% das pessoas ouvidas acreditam que os jornalistas são independentes. O restante

não têm nenhuma ilusão sobre a honestidade da mídia, nem sobre a sua capacidade de resistir às pressões políticas e econômicas.

Há a questão da independência e, também, da credibilidade: as coisas aconteceram realmente como a mídia conta? De 1987 a 1990 a televisão é, para os franceses, a mídia mais confiável, longe do rádio e muito longe da imprensa escrita. A imagem ainda é uma garantia de exatidão, de veracidade.

Depois há o choque do falso ossário de Timisoara, na Romênia.

Em janeiro de 1991, La Croix publicou um barômetro catastrófico: a confiança dos franceses em relação ao conjunto da mídia desaba. A telinha é particularmente atingida. Pela primeira vez, o rádio destrona a sua co-irmã audiovisual em matéria de credibilidade. Nova queda em 1992, após a Guerra do Golfo: a televisão aparece definitivamente suspeita.

Em 1994, o debate se desloca. A dúvida não é mais sobre a exatidão da informação, mas sobre o segredo da instrução, a presunção de inocência, a vida privada dos homens públicos. Na-quele ano, 53% dos franceses consideraram que a mídia atenta contra as liberdades fundamentais.

Nas duas últimas sondagens (1997 e 1998) há uma pequena melhora na opinião que os franceses têm sobre a sua mídia, pelo menos em matéria de

exatidão. Uma nota de otimismo sombreada de "independência" de que os franceses duvidam sempre. Duas pessoas ouvidas em três consideraram os jornalistas muito sensíveis às pressões do poder e do dinheiro.

Texto traduzido pelo jornalista Casemiro Eugênio Linarth, da revista francesa Marianne, nº 68, semana de 10 a 16 de agosto de 1998.

Profissão Repórter

IMPRENSA NO BRASIL: MORTES, AMEAÇAS, PROCESSOS E DETENÇÕES

A Federação Nacional dos Jornalistas apresentou a pesquisa sobre a violência contra os jornalistas e atentados ao exercício profissional ocorridos ano passado. O resultado não foi animador. Em 98, três jornalistas perderam a vida em conseqüências de ações realizadas durante o exercício profissional, dez foram ameaçados de

morte, três processados (um com base na ditatorial Lei de Imprensa), e outros três detidos arbitrariamente. Houve, ainda, o registro de dois casos de censura a veículos de comunicação. Desta pesquisa três fatos aconteceram no Paraná e foram relatados à Fenaj pelo Sindicato: o processo à jornalista Lara Sfair, pelo Colégio Medianeira; a censura à TV Cidade e

outros veículos de Ponta Grossa, em episódio envolvendo o prefeito Jocelito Canto, e a detenção arbitrária dos repórteres Alexandre Sanches e Mário César da Costa, da Folha do Paraná, quando cobriam a retirada de famílias sem-terra de uma fazenda.

Para a Fenaj, o balanço proporciona uma reflexão sobre as distorções culturais do país, sentida na

forma como a sociedade encara a comunicação e o trabalho da imprensa. "O Brasil convive com regiões onde o trabalho da imprensa é compreendido e respeitado, com outras nas quais os jornalistas e os veículos de comunicação são encarados como meras estruturas a serviço de interesses políticos e econômicos, ou então, como organismos

perigosos, que devem ser reprimidos ou até silenciados definitivamente", diz o relatório da entidade. Ante este quadro estarrecedor, a Fenaj aponta soluções. A principal delas é a aprovação do substitutivo à atual Lei de Imprensa, cujo projeto se encontra na Câmara dos Deputados e, caso aprovado, deverá assegurar a liberdade de imprensa e a transformação

dos meios de comunicação em veículos a serviço da sociedade. Em fevereiro de janeiro de 98, pela Justiça de Pontal, qualquer fato referente à dívida contraída e não paga junto ao Banestado, por empresa do ex-governador João Alves (candidato derrotado na eleição de outubro/98). A Fenaj e o Sindicato dos Jornalistas de Sergipe protestaram contra a situação. O Cinfom tem chegado às bancas com o carimbo "Estamos Censurados".

A PESQUISA DA FENAJ EM 98

JORNALISTAS ASSASSINADOS

MANOEL LEAL DE OLIVEIRA
• Janeiro •

Proprietário do jornal "A Região", da cidade de Itabuna (BA). Foi assassinado na porta da casa, com seis tiros. O jornal vinha realizando denúncias contra o atual, prefeito de Itabuna.

JOSÉ CARLOS DE MESQUITA
• Março •

Apresentador do programa "Espaço Aberto", da TV Colina Verde, afiliada da CNT de Ouro Preto do Oeste, (RO). Assassinado por três pistoleiros, quando do saía da emissora. Há suspeitas de crime político.

MIGUEL PEREIRA DE MELO
• Novembro •

Repórter fotográfico do Correio de Tocantins, assassinado no Município de Marabá, (PA). Ele fazia parte do rol de testemunhas de acusação das 19 mortes de trabalhadores sem-terra, pela Polícia Militar, em Eldorado dos Carajás (abril de 1996).

AMEAÇAS AO EXERCÍCIO PROFISSIONAL

JOÃO BAPTISTA ALVES PEREIRA
• Janeiro •

Radialista da Rádio Jacarandá de Eunápolis, (BA), sofreu ameaças por telefone e foi perseguido de forma intimidadora. J. Baptista acredita que tal situação foi gerada em conseqüência de inúmeras denúncias feitas no seu programa "Tribuna Livre", sobre políticos e policiais envolvidos em corrupção e atividades marginais.

RUI ZILNET LIMA BARBOSA
• Março •

Diretor do Jornal Paraty News, da cidade de Parati, (RJ), foi vítima de ofensas e ameaças de morte por parte do vereador Antonio Porto Filho.

JEREMIAS MACÁRIO
• Abril •

Chefe da sucursal do Jornal "A Tarde", em Vitória da Conquista, (BA). Desde 97 vem sofrendo ameaças, que se iniciaram com apurações sobre arbitrariedades na Delegacia de Polícia do município. A sucursal do jornal foi por duas vezes invadida, tendo seus arquivos vasculhados, sem que algum objeto fosse roubado.

PEDRO ANTONIO RIBEIRO
• Maio •

Sofreu ameaças de morte em face de reportagem publicada no Jornal O Rio Branco, (AC), arrepiado da ação do esquadrão da morte na capital.

RONALDO PACHECO E JOSÉ LUIS MEDEIROS
• Setembro •

Repórteres do jornal Diário de Cuiabá (MT). Foram impedidos de fazer matéria em Peixoto Azevedo, município ao Norte do Estado. Depois de ser fotografado, um advogado não identificado sacou um revólver e ameaçou atirar nos dois, se não entregassem o filme.

VALDIR DE CASTRO OLIVEIRA
• Novembro •

Sofreu ameaças de morte por telefone, que começaram depois que o seu jornal, "Circuito Notícias", de Brumadinho (MG), passou a publicar denúncias envolvendo a

administração do município. Foi instalada CPI na Câmara Municipal e o prefeito acabou tendo mandato cassado em janeiro.

AGRESSÃO E TENTATIVA DE HOMICÍDIO

JOSÉ ARAÚJO DE SANTANA E SIDNEY LEITE
• Janeiro •

Santana, então diretor de Redação do Jornal da Cidade, de Aracaju, (SE), e Sidney Leite foram agredidos por Marcelo Santana (genro do ex-procurador Geral do Estado, José Gomes de Andrade) e por Luiz Santana Filho, quando registravam o incêndio de uma loja no centro da cidade. O caso chegou à Justiça e foi arquivado.

DÉA JACOBINA

Em Estância (SE), a 57 quilômetros de Aracaju, o prefeito José Nelson (PSB) agrediu moral e fisicamente a jornalista, repórter do semanário Cinfom.

EDSON RODRIGUES
• Agosto •

Repórter-fotográfico do jornal A Gazeta, de Cuiabá, MT. Foi impedido e agredido verbal e fisicamente por servidores públicos, entre eles um médico do pronto-socorro municipal.

CÉSAR GAMA
• Outubro •

Diretor de redação do Jornal da Manhã (SE). Foi agredido por bandidos. O caso ganhou repercussão inicial de atentado político.

PROCESSADOS

LARA SFAIR
• Janeiro •

Veja matéria na página 20.

MÁRIO QUEVEDO NETO E LUIS DE CARVALHO
• Março •

O editor-chefe do jornal "A Folha de Vilhena" e o presidente da Associação Vilhenense de Imprensa-AVI, (RO), denunciaram a interdição e o abandono da cadeia pública da cidade. Apontaram o juiz e corregedor da cidade como responsáveis pelo estado em que se encontra aquele setor carcerário. Foram condenados a prestar serviços comunitários, depois de sofrerem atos coercitivos da Justiça.

IVANA BRAGA
• Novembro •

Está sendo processada pela Procuradoria Geral da Bahia, a pedido do governador César Borges, em decorrência de matéria publicada no jornal A Tarde, de Salvador, sobre suspeita de corrupção na Polícia Militar.

VEÍCULOS CENSURADOS

TV CIDADE
• fevereiro •

A Justiça de Ponta Grossa (PR) expediu mandato de busca e apreensão, notificação e citação contra a TV Cidade (a cabo), e intimou os demais veículos da cidade a se absterem de divulgar notícia sobre o prefeito Jocelito Canto, acusado de violência sexual contra a secretária Silvana de Lourdes Felipe. A Fenaj e o Sindicato dos Jornalistas do Paraná se manifestaram e consideraram o ato inconstitucional e um atentado à liberdade de imprensa.

SEMANÁRIO CINFOM
• Janeiro •

O Semanário, de Aracaju (SE), está

impedido de prestar serviço à Justiça de Pontal, qualquer fato referente à dívida contraída e não paga junto ao Banestado, por empresa do ex-governador João Alves (candidato derrotado na eleição de outubro/98). A Fenaj e o Sindicato dos Jornalistas de Sergipe protestaram contra a situação. O Cinfom tem chegado às bancas com o carimbo "Estamos Censurados".

DETENÇÃO ARBITRÁRIA

ALEXANDRE SANCHES E MÁRIO CÉSAR DA COSTA
• Novembro •

O repórter Sanches e o repórter fotográfico Costa, da Folha do Paraná, em Londrina, foram presos ilegalmente pela Polícia Militar, quando faziam a cobertura da retirada de famílias sem-terra acampadas na Fazenda Cachoeira, município de Sapopema.

VANESSA VASCONCELOS
• Novembro •

A jornalista e oficial da PM do Pará foi punida pela corporação com 30 dias de prisão. A detenção possuiu conotação política, pois ela trabalhou como apresentadora dos programas de TV, no horário eleitoral de um dos candidatos a governador.

ALEXANDRE OLTRAMARI
• Dezembro •

O repórter da sucursal de Brasília da Veja foi preso arbitrariamente, a pedido do ex-tenente do Exército, Marcelo Paixão de Araújo. O motivo foi a matéria "Torturei uns trinta", publicada pela revista, em que Araújo contava como torturou presos políticos, na década de 70, em Minas Gerais.

Abuso Patronal PROBLEMAS EM FOZ DO IGUAÇU

Está na Justiça do Trabalho a proposta de acordo entre jornalistas e funcionários da Tribuna de Foz e a editora H2 Sol Ltda., a fim de que sejam pagos os salários devidos pelo jornal desde novembro. A Tribuna de Foz parou de circular em 12 de de-

zembro e a editora demitiu em janeiro todos os funcionários, sem saldar as rescisões trabalhistas. Agora, em março, a H2 Sol vendeu o nome fantasia e a estrutura física do jornal a outro grupo econômico, que deve relançar a Tribuna de Foz este mês.

O fechamento da Tribuna levou ao desemprego 20 pessoas, quatro das quais jornalistas, todos, ainda que que ficaram sem receber os salários de dezembro e janeiro - mês que ficaram à disposição da H2 Sol -, e as férias coletivas concedidas em dezembro.

“A nossa intenção é que possa vir o acordo na Justiça e a empresa pague a todos, ainda que parceladamente”, informa Euclides Eudes Panazzolo, advogado do Sindicato dos Jornalistas em Foz. Embora registrada em nome de outras pessoas, a editora H2 Sol pertence ao ex-prefeito Do-brandino Gustavo da Silva, que confirmou ser seu dono à imprensa, tendo-a como veículo de sustentação da sua administração. Segundo reportagem de A Folha de Foz do Iguaçu, os problemas na Tribuna

teriam começado com a saída de Do-brandino da Prefeitura, em janeiro de 97. A editora passou a enfrentar problemas financeiros, deixando, conforme a reportagem, “rastros de irresponsabilidade empresarial, tais com o salários atrasados, sonegação de encargos trabalhistas, apropriação indevida de contribuições sociais dos empregados (FGTS, INSS), cheques sem fundos na praça e em outras cidades, contas de água, luz e telefone ‘penduradas’, débitos ‘esquecidos’ em postos de gasolina...”.

GAZETA DO IGUAÇU

Além do fechamento da Tribuna de Foz, outro processo envolvendo jornalistas tramita na Justiça do Trabalho. Trata-se da demissão dos jornalistas Nilton Bobato, Edson Aurélio e Ivan Rubier pela Gazeta de Foz do Iguaçu, em abril de 98. O advogado Panazzolo entrou com reclamação trabalhista e conseguiu em primeira instância reverter a justa causa, tendo o jornal entrado com recurso.

Oficialmente, os três jornalistas foram demitidos por terem liderado uma paralisação de um dia de toda a redação, em protesto

ante a demora do jornal em contratar um editor-chefe. Suspeita-se, no entanto, que relacione-se com mudanças na linha editorial do jornal, que era de oposição à Prefeitura de Foz do Iguaçu e, estranhamente, passou a apoiá-la três dias após a demissão dos jornalistas. A Gazeta teria, ainda, vencido uma concorrência pública e passado a editar e imprimir o diário oficial do Município. Quanto as três vagas abertas pela demissão, elas foram preenchidas em tempo recorde, antes mesmo dos jornalistas serem comunicados que estavam demitidos.

Imprensa no Paraná PROIBIDA DE FALAR

Os três casos de ataque à liberdade de imprensa acontecidos no Paraná em 1998 e que figuram no balanço da violência realizado pela Fenaj, apenas um não teve ainda solução. A jornalista Lara Sfair, da Impresione Assessoria de Comunicação, continua sendo processada pelo Colégio Medianeira e impedida de falar sobre os processos jurídicos entre a família Tocafundo e a escola, mesmo quando entrevistada ou na con-

dição de amiga da família.

A matéria publicada em 28 de novembro O Estado do Paraná, que noticiava que o colégio estaria movendo um terceiro processo de calúnia contra os Tocafundo, por pouco não gera um, novo processo à jornalista. Lara Sfair foi citada pelo jornal como “amiga da família” e relatou as dificuldades enfrentadas para custear o tratamento clínico de Emerson e o comportamento dos diretores do Colégio. Três dias depois de publicada a maté-

ria, Elói Tambosi, advogado do Medianeira enviou ao juiz da 21ª Vara Cível um pedido de penalização à jornalista, alegando que a matéria estava distorcendo fatos e “causando mal estar na coletividade e na instituição educativa”. O advogado não obteve vitória. O juiz Rogério Ribas recorreu à literatura jurídica e encontrou parecer do jurista Darcy Arruda Miranda que, em seu livro “Comentários à Lei de Imprensa”, adverte: “a opinião desfavorável da crítica, desde que se situe em o plano alto, sem descer às raias do insulto, longe de ser um abuso, é um direito”.

Essa vitória da jornalista

não significou, porém, o fim do processo pelo qual a Impresione está arrolada. Em 18 de março, Lara compareceu a uma audiência de conciliação e sua empresa continua acusada de calúnia e difamação, pelo fato de ter divulgado na imprensa a campanha de outdoors

criada pelos Tocafundo, em novembro de 97. Na campanha, a família lembrava o caso do atropelamento de Emerson no pátio da escola, ocorrido em 1983 cujo processo judicial venceu há oito anos. O caso da jornalista foi tema de debate no Núcleo de Assessoria de Imprensa do Sindicato dos Jornalistas e divulgado por

M E M Ó R I A

CENÁRIOS DA CIDADE
IMORTALIZAM JORNALISTAS

JOAQUIM D'ALMEIDA FARIA SOBRINHO - PRESIDENTE FARIA (1847- 1893). Foi advogado, professor e presidente da Província. Redigiu A Gazeta Paranaense.

doiro público em Curitiba, como noutras cidades brasileiras, obedece a um critério simples: é necessário que o homenageado tenha falecido e que algum vereador encaminhe um projeto com a homenagem para votação na Câmara Municipal. Em alguns casos, o projeto é votado com sua denominação, se a homenagem se dará em forma de rua, escola, travessa, largo ou praça. A maioria dos projetos aprovados, contudo, são de logradouro público não especificado que, com o tempo, passam a ser utilizados pelo município.

O fato de Curitiba homenagear com certa frequência jornalistas deve-

se a importância de vários jornalistas de Curitiba, trabalhou como jornalista no Dezenove de Dezembro e fundou os jornais Cenáculo, Esfinge, Ramo de Acácia, Pitágoras, Brasil Cívico, Pátria e Luz de Krotona, entre outros. Colaborou na revista Azul e nas revistas Clube Curitibano, a Escola e Jerusalém.

DAVID CARNEIRO (1879-1928). Foi um dos fundadores da Gazeta do Povo, em 1919, e de O Dia, em 1923.

DIAS DA ROCHA FILHO (1862-1895). Redigiu o jornal manuscrito Paz e colaborou no Jornal do Comércio e no Correio Paulistano.

DICÉSAR PLAISANT (1898-1969). Foi escritor. Trabalhou como redator na Gazeta do Povo.

ELBE POSPISILL (1893-1943). Trabalhou como tipógrafo e fundou os jornais O

Jornalistas nem sempre se destacam perante a comunidade. O trabalho em geral é anônimo. Contudo, no caso de Curitiba, pode-se dizer que ao longo do tempo a cidade reconheceu a importância de vários jornalistas na sua história. Em

pesquisa inédita realizada pelo Extra Pauta, sobre as ruas que ganharam nome de profissionais da imprensa, aparecem mais de 100 homenageados. Isso atesta de um lado o carinho com que alguns jornalistas são considerados por seus lei-

tores, mas também dimensiona a relação com a política e outras áreas que a maioria dos profissionais tiveram em vida. Muitos dos homenageados fundaram jornais, ou exerceram cargos públicos como deputados e vereadores, ou

ainda no poder judiciário. Menos de 10%, no entanto, chegou a ter na homenagem a denominação profissional, tais como os jornalistas Caio Machado, Ali Bark, Gilberto Mezzomo e José Augusto Gummy.

A homenagem com a denominação num logra-

R U A S

ABÍLIO HOLZMANN

Foi proprietário de jornal em Ponta Grossa

ACYR GUIMARÃES

Foi redator da Gazeta do Povo, presidente da Associação Paranaense de Imprensa, deputado federal e estadual.

ADOLPHO WERNECK

(1879-1932) Fundou a revista Azul e foi redator-humorista de A Carga e A Notícia, no início do século.

ALBINO SILVA

(1850-1905). Iniciou no Dezenove de Dezembro. Criou os jornais Guairá, em Curitiba, o republicano A Pátria Livre, em Paranaguá, e Ponta Grossa, em Ponta Grossa.

ALCEU CHICHORRO

(1896-1977) Cartunista, criou tipos como Chico Fumaça, Marcolina e Totó, que fizeram sucesso no O Dia. Trabalhou também na Gazeta do Povo. Foi o primeiro jornalista a se aposentar pelo então Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Comerciantes, em 51.

ALI BARK

(1927-1979) Fundou o jornal Três de Outubro, foi diretor de o Diário Popular e da revista Rumos Paranaenses.

ALCIDEZ MUNHOZ

(1873-1930). Escritor e jornalista, fundou a Academia de Letras do Paraná. Era correspondente telegráfico do Jornal do Comércio, do Rio de Janeiro, do Correio Paulistano e da Agência Americana.

ALUIZIO FINZETTO

Foi um dos mais importantes radialistas paranaenses.

ANTONIO CHALBAUD BISCAIA

Tinha registro de jornalista, mas pertencia à Associação Comercial do Paraná.

ANTONIO LUIS VIEIRA

(1929-1978) Era chefe da gráfica de O Estado do Paraná, criou o concurso "A mais Bem Bolada", na Tribuna do Paraná.

APELES DE FERRANTE

(1918) Foi jornalista da Gazeta Esportiva, do Paraná Esportivo e das Gazetas do Povo, onde escrevia sobre Turfe. Foi proprietário e redator da revista Turfe Ilustrado.

ARARY SOUTO

Trabalhou na imprensa em Ponta Grossa.

ARCÉSIO GUIMARÃES

(1888- 1947). Foi um dos sócios da Gazeta do Povo

ARYON NIEPCE DA SILVA

(1908-1949). Colaborou no Diário da Tarde em 1923, na Gazeta do Povo, no Correio do Sul, de Irati, em 1935, no Correio do Povo, de Porto Alegre, em 1946, e na revista de educação "Formação", do Rio de Janeiro, em 1945.

ARNAUD FERREIRA VELLOSO

Trabalhava na revista Divulgação.

AURELIANO AZEVEDO DA SILVEIRA

(1879-1928). Caricaturista, trabalhou nas publicações "Olho da Rua", "Fanal", "O Ilíberê" (de Paranaguá), e "Almanaque dos Municípios".

BRENNO ARRUDA

(1889-1955) Brenno Silveira Martins de Arruda iniciou em jornalismo trabalhando no jornal O Rebate. No Rio de Janeiro trabalhou nos jornais Diário de Notícias, Jornal do Comércio, a Notícia, Gazeta de

Notícias e A Tribuna. No Paraná dirigiu os jornais O Estado, Diário da Tarde e O Dia, além da Agência Nacional do Departamento de Imprensa e Propaganda.

CAIO MACHADO

(1885-1954). Caio Graccho Machado Lima fundou os jornais Folha da Manhã, A Noite e O Dia, no Paraná, e O Nacional e Gazeta da Bolsa, no Rio de Janeiro.

CÂNDIDO LOPES

(1803-1879). Criou o Dezenove de Dezembro, em 1854, o primeiro jornal paranaense.

CARLOS COELHO

(1925-1977). Nasceu em Salvador e chegou a Curitiba para chefiar o Última Hora. Também trabalhou no Diário do Paraná, em 1975.

CARLOS RENÉ EGG, DEPUTADO

CHICHORRO JÚNIOR (1866-1926). Joaquim Chichorro Júnior trabalhou nos veículos Gazeta do Povo, Federação, Galeria Ilustrada e Cenáculo. Colaborou por muitos anos na revista A Republicana.

CLOVIS BEVILAQUA SOBRINHO (1905-1957) Foi diretor da revista Paraná Judiciário.

M E M Ó R I A

Everson Bressam



EMILIANO PERNETTA
(1866-1921). Poeta e jornalista, trabalhou na Cidade do Rio e em Novidades, jornais do Rio de Janeiro.

se a ação direta de pessoas como o jornalista Ali Bark, que, mesmo não tendo si-do vereador, conseguiu in-dicar vários projetos à ca-sa e, após seu falecimen-to, tornou-se nome de rua no bairro Santa Cândida. Atualmente, quem mais fez propostas de nomes de logradouros públicos a jornalistas é o vereador Má-rio Celso Cunha, neto do radialista Jacinto Cunha (também nome de rua), responsável direto pela transformação da Praça Porto Alegre em Praça Vivian Calopreso Braga, no Juvevê. A homenagem mais recente,

ao jornalista João Régis Fassbender Tei-xeira, filho de outro home-nageado, Napoleão Lyrio Teixeira e pai da jornalista Regina Kracik Teixeira, que trabalha na Folha do Paraná, também partiu de

JOÃO GUALBERTO
(1874-1912). João Gualberto Gomes de Sá Filho foi engenheiro militar e um fanático pelo tiro. Foi redator de O Diário da Tarde,



Everson Bressam

Mário Celso. A pequena praça diante do Tribunal de Contas desde 14 de março leva o nome de João Régis, falecido ano

passado.

OUTRO TEMPO

A maioria das homenagens são para pessoas que viveram um tempo distinto na própria organização da categoria no Paraná. No século passado, bastava alguém demonstrar qualidades ao debate político, literatura ou mesmo à arte gráfica para trabalhar ou fundar jornal e ser considerado jornalista. Assim foram Cândido Lopes, tipógrafo

que criou o Dezenove de Dezembro, primeiro jornal do Paraná, seu filho Joaquim D'Almeida Faria

Everson Bressam



CÂNDIDO LOPES
(1803-1879). Criou o Dezenove de Dezembro, em 1854, o primeiro jornal paranaense.

Sobrinho, o Presidente Faria, que redigiu na Gazeta Paranaense e presidiu a Província do Paraná, cargo equivalente hoje a governador. Outra personalidade que trabalhou por curto tempo na imprensa foi João Gualberto, engenheiro militar e redator do Diário da Tarde por um ano apenas, em 1910. Mesmo após a criação do Sindicato dos Jornalistas em 1946, cuja carta sindical foi obtida por José Augusto Gummy (nome de rua do bairro do Portão)- eram jornalistas os que trabalhavam em jornais, inclusive patrões. Por muitos anos puderam

obter registro como jornalista, radialistas notáveis como Rubens Chagas, Aluísio Finzetto, Lourival Portella Natel e Jacinto Cunha, diretores de jornal como Raul Vaz e Arcésio Guimarães, e mesmo colaboradores, como Ney Leprevost (avô do atual secretário de Estado do Esporte e Turismo).

Outra reflexão possível com esta pesquisa: o envolvimento de jornalistas com a política, o que fez inevitável as homenagens. Acyr Guimarães, Carlos René Egg, Elbe Pospissil, Estefano Mikilila, Reinaldo Machado e Ulisses Viera foram deputados; Joaquim José Pedrosa e Maurício Fruet foram prefeitos de Curitiba.

Proletário, O Trabalho, A Tribuna e Revista do Sul. Foi secretário de redação do Diário da Tarde e deputado estadual em 1936.

ELIAS KARAM, VEREADOR
(1902-1975). Foi comerciante, industrial, advogado, jornalista e escritor. Foi vereador de Curitiba por quatro legislaturas e diretor da Imprensa Oficial do Estado.

EMILIANO PERNETTA
(1866-1921). Poeta e jornalista, trabalhou na Cidade do Rio e em Novidades, jornais do Rio de Janeiro.

ERMELINO DE LEÃO
(1871-1932). Jornalista e escritor. Redigiu A Opinião e A Verdade, em São Paulo; O Diário da Tarde e A Notícia, em Curitiba; e o Antoniense, de Antonina. Foi presidente da Delegação Brasileira de Imprensa.

ESPERANDIO DOMINGOS FOGGIATO
(1887-1970) Repórter-fotógrafo. Trabalhou no jornal O Dia e na Gazeta do Povo. Em 38, venceu o I Salão de Fotografias do Paraná. Fez depois, carreira co-mo empresário de cinema e circo.

ESTEFANO MIKILILA
Era deputado e possuía uma revista ucraniana.

EUCLIDES BANDEIRA
(1876-1947). Fundou e dirigiu diversos jornais.

EZIO ZANELLO
Trabalhou no Diário da Tarde, onde foi editor de esportes

FÁBIO DE SOUZA
(1882-1949). Era professor do Colégio Bom Jesus, em Curitiba. Dirigiu e colaborou com o jornal Vértices, em 1916.

FERNANDO SIMAS
(1851-1916). Médico, foi um dos fundadores do jornal Livre Paraná.

FLÁVIO RIBEIRO
Foi secretário de redação de O Dia.

FRANCISCO RAITANI
(1897-1971). Foi redator-chefe de O Dia e da revista Mundo Espírita e manteve coluna jurídica na Gazeta do Povo.

FRANCISCO STOBBA
Escrevia sobre artes para o Diário da Tarde.

GERALDO RUSSI
(1933-1968). Era jornalista de O Estado do Paraná e correspondente

das revistas Manchete e Fatos & Fotos.

GILBERTO MEZZOMO
(1944-1968). Foi repórter do Diário dos Campos e da sucursal da Última Hora, em Ponta Grossa. Em Curitiba, trabalhou no jornal O Estado do Paraná, na assessoria de imprensa da Secretaria de Educação e Cultura e na Rádio Guairacá.

HEITOR STOCKLER DE FRANÇA
(1888-1975). Foi um dos criadores do SESI- Serviço Social da Indústria, no Paraná. Além de industrial, foi também poeta e jornalista.

HEITOR VALENTE
(-1959) Heitor Gurgel do Amaral Valente foi alto funcionário da Assembleia Legislativa do Paraná. Como jornalista colaborou no Estilário, Diário da Tarde, A Notícia, O Olho da Rua e Correi do Paraná.

HERBERT MUNHOZ VAN ERVEN
Foi colaborador de vários jornais paranaenses.

HILDEBRANDO DE ARAÚJO
(1885-1948). Foi proprietário do Diário da Tarde.

HUGO SIMAS

(1860-1930). Foi desembargador, escritor e, como jornalista, trabalhou nos jornais Diário da Tarde e Comércio do Paraná.

JACINTO CUNHA
Trabalhou em rádio, na BRB-2 Rádio Clube Paranaense.

JAYME BALLÃO
(1860-1930). Fundou o Diário do Comércio e dirigiu o Diário da Tarde.

JESUÍNO LOPES
(1855-1918) Dirigiu o jornal A República. Filho de Cândido Lopes, foi diretor do jornal Dezenove de Dezembro. Com Ildefonso Pereira Correia fundou a Imprensa Paranaense.

JOÃO AMARAL DE ALMEIDA
Trabalhou nos jornais O Dia e O Estado do Paraná.

JOÃO ANTONIO BARROS JR.
(1836-1912). Foi presidente da Casa de Justiça, desembargador. Como jornalista, fundou o primeiro jornal republicano do Paraná: "Operário da Liberdade".

JOÃO GUALBERTO
(1874-1912). João Gualberto Gomes de Sá Filho foi engenheiro

M E M Ó R I A

Everson Bressam



tiba; Elias Karam, vereador; Joaquim D'Almeida Faria Sobrinho, presidente da Província. Outro jornalista que teve atuação na política foi Roberto Barroso, que por duas vezes foi suplente de deputado federal e secretário de estado, e em cujo início da rua em sua homenagem foi construída a sede do Jornal do Estado, de propriedade do seu filho.

Com o passar dos anos e o crescimento da cidade, são raras as homenagens de grandes avenidas com nome de jornalistas, como na

Avenida Maufrío Fruct. Em geral, as homenagens atuais são de praças recém-construídas, ruas em bairros novos ou

Everson Bressam



mesmo próximas ao centro, mas que não possuíam nome até por terem uma quadra só. Assim é a Rua Nacim Bacilla Neto, perpendicular à Mateus

ROBERTO BARROSO (1895 - 1965). Dirigiu em Paranaguá a revista Cruzada e os jornais Diário do Comércio, o Eco e O Jornal, além do Diário da

Tarde em Curitiba.

Leme e localizada no Centro Cívico. Outro caso comum é a mudança da homenagem de lugares para pessoas. A tradicional praçinha Porto Alegre, do Juvevê, localizada a uma quadra do campo do Coritiba, tornou-se Praça Vivian Calopreso Braga.

DISPUTA

Em Curitiba, no caso da Prefeitura requerer a

NESTOR DE CASTRO (1869-1906) Jornalista do Dezenove de Dezembro, em 1894, redatoriu a Federação, Foi redator do jornal carioca " Cidade do Rio".

mudança de nome de rua ou praça, os moradores têm como manter o nome antigo. Faz-se necessário um abaixo-assinado, com adesão de pelo menos

dois terços dos moradores da rua.

Ano passado, em virtude de duas ruas Palmeiras em Curitiba, uma na Água Verde e outra no Prado Velho, a Prefeitura tentou retirar o nome da localizada na Água Verde e substituí-la pelo nome do repórter fotográfico Esperandio Domingos Foggiao. Por identificar o nome Palmeiras com a própria história da Água Verde, os moradores entraram com abaixo-assinado. O impasse foi solucionado com o batismo da rua na Vila das Torres, no Prado Velho, com o nome do jornalista, ela que até então não possuía um nome oficial.

ALMA DAS RUAS

Curitiba carece de um levantamento sobre quem foram as personalidades homenageadas que em prestam seus nomes aos

logradouros públicos da cidade. A Biblioteca da Câmara Municipal tem a intenção de realizar este trabalho, mas isso não passa de projeto. De concreto mesmo, há o importante e solitário trabalho desenvolvido pela historiadora Maria Nicolas - que foi homenageada com uma rua no Sítio Cercado e os livros recentes do jornalista "urbanauta" Eduar-

CAIO MACHADO (1885-1954) Doamos o chá de infusão fundou os jornais Folha da Manhã, A Noite e O Dia, no Paraná, e O Nacional e Gazeta da Bolsa, no Rio de Janeiro.



Everson Bressam

rou no Dezenove de Dezembro.

JOFRE CABRAL E SILVA (1915-1968) Advogado, fundador do Santa Mônica Clube de Campo, foi presidente do Atlético. Colaborou na Gazeta do Povo.

JORGE GOMES ROSA Trabalhou no Diário da Tarde.

JORGE LACERDA (1915-1958). Médico e jornalista. Pertenceu à Associação Brasileira de Imprensa. Dirigiu Letras e Artes, suplemento do jornal carioca Folha da Manhã.

JOSÉ AUGUSTO GUMY (-1970). Decano dos jornalistas paranaenses, foi fundador e presidente do Sindicato dos Jornalistas e pertenceu a Associação Brasileira de Imprensa.

JOSÉ CADILHE (1881-1942). Também teatrólogo, foi diretor do Diário do Comércio, de Paranaguá, e Diário dos Campos, em Ponta Grossa.

JOSÉ ERICHSEN PEREIRA (1909-1964). Trabalhou como repórter e redator dos periódicos Diário da Tarde e A Tarde e foi

diretor de O Dia e de O Estado do Paraná.

JOSÉ HOFFMAN Jornalista em Ponta Grossa, foi diretor do Diário dos Campos.

JOSÉ MEHRY Trabalhou no Estado do Paraná.

JOSÉ MUGGIATI SOBRINHO Foi redator-chefe da Gazeta do Povo e do Paraná Esportivo.

JOSÉ PEIXOTO WERNECK Foi redator de O Estado do Paraná.

JULIO CESAR HAUER (1891-1958). Colaborou no Diário da Tarde, no Olho da Rua, na Revista do Clube Curitibano, na Gazeta do Povo, no O Dia e na Sonetos Paranaenses.

JUSTINIANO DE MELLO E SILVA (1852-1940). Colaborou no jornal Dezenove de Dezembro. Fundou os jornais Vinte e Cinco de Março-que acabou empastelado por inimigos políticos-, O Paranaense, o Jornal do Comércio e o Sete de Março, " órgão das Reformas Sociais" e que defendia a instauração da República.

LEOCÁDIO CORRÊA (1848-1886) Era médico. Como jornalista, redigiu O Itiberê e Livre Paraná.

LEONOR CASTELLANO (1899-1969). Foi secretária da Procuradoria Geral do Estado. Como jornalista, dirigiu a seção Leituras Femininas, do jornal Correio da Manhã, o jornal A Filha de Mariadadas Filhas de Maria das Divinas Providência-, a Revista do Centro de Letras do Paraná e a Revista do Instituto de Pesquisas e Históricas e Arqueológicas. Colaborou com O Estado do Paraná e Correio do Paraná.

LOURIVAL PORTELLA NATEL (1905-1965). Registrou-se como jornalista, mas trabalhava em rádio. Era locutor da Rádio Guai-racá, em Curitiba.

MANOEL MAGALHÃES DE ABREU Foi diretor de O Dia.

NACIM BACILLA NETO Trabalhou na Gazeta do Povo.

NAPOLEÃO LOPES (1885-1960). Advogado, escritor e jornalista, colaborou em jornais

no Paraná, Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro e São Paulo. Fundou em Porto Alegre a revista Bico da Chaleira; em São Paulo, a Polícia Política; e em Curitiba, O Momento.

NAPOLEÃO LYRIO TEIXEIRA Foi colaborador de vários jornais

NESTOR VICTOR (1868-1932). Nestor Victor dos Santos foi secretário da Confederação Abolicionista e do Clube Republicano do Paraná. Foi chefe do Diário do Paraná e colaborou com os jornais Cidade do Rio de Janeiro, Jornal do Comércio e O País, entre outros.

NEY LEPREVOST Foi colaborador de vários jornais

OCTÁVIO SECUNDINO (1887-1967) Trabalhou em vários jornais em Antonina, Paranaguá e Curitiba.

OMAR GONÇALVES DA MOTTA Foi diretor de O Dia e secretário da Fazenda no governo Manoel Ribas.

OSCAR PLÁCIDO E SILVA (1892-1963). Advogado, escritor, professor e jornalista, foi um dos fundadores e proprietários da

Gazeta do Povo.

PAULO ILDEFONSO ASSUMPÇÃO (1929-1962). Foi crítico de artes do Diário da Tarde e de A República.

PERCIVAL LOYOLA (1900-1962). Foi delegado de polícia e juiz. Atuou em Jornalismo colaborando com O Dia, a Gazeta do Povo, o Diário da Tarde, de Curitiba, e no O Globo, na Noite Ilustrada e A Manhã, do Rio de Janeiro.

RACHEL PRADO (1891-1953). Iniciou no jornalismo aos 14 anos de idade, no periódico A República, que era de seu pai, Joaquim Antonio da Silva. No Rio de Janeiro, colaborou no Jornal do Brasil, criou a Editora Ravário e organizou o curso de Jornalismo Profissional e o Clube de Mulheres Jornalistas.

RAUL VAZ Foi diretor do jornal O Dia e presidente do Tribunal de Contas.

REINALDO MACHADO (1868-1918). Médico, depu-

M E M Ó R I A



Everson Bressam

PRAÇA

VIVIAN CALOPRESO BRAGA (1959-1991). Foi apresentadora e repórter da TV Paranaense/Canal 12. Trabalhou como repórter no Jornal do Estado.

da década de 80, Maria Nicolas editou cinco volumes da obra "Almas das Ruas", onde trouxe a bio-grafia

resumida das pessoas que tiveram os nomes impressos em placas na cidade. Nos livros sente-se a transformação da vila em cidade, a partir do abandono do hábito de balizar as ruas pelas suas características. Como exemplo, a Rua da Ladeira e do Jogo de Bola, foi posteriormente chamada de Rua da Assembléia, por nela ter sido instalada a primeira Assembléia Legislativa Provincial, em 1854, e é hoje a Doutor Muricy, em homenagem ao médico baiano José Cândido da Silva Muricy, fundador da Casa de Misericórdia de Curitiba. A pesquisa de Maria Nicolas mostra ainda que 30% das ruas homenageiam pessoas comuns, gente pacata cujo real – e importante – valor foi a honestidade.

O trabalho de Fenia-

nos surgiu de uma aventura pelas ruas da cidade. Em 98, ele percorreu todas as 8.124 ruas oficiais de Curitiba, conversou com moradores e fez anotações sobre as ruas que passou. Este material – assim como os livros de Maria Nicolas – serviram de base para a criação de uma coleção de livros sobre os bairros de Curitiba. Fenianos já editou 15 exemplares, pela sua editora Universidade (escrita assim mesmo, com c). Conhecedor das ruas que homenageiam jornalistas, o "urbanauta" destaca a Romário Martins como um símbolo do país. "Ela é uma ruela pequena no Jardim Social, tem suas placas enferrujadas e está abandonada. Mostra bem como o Brasil valoriza sua própria história, na medida que a Nelson Rockefeller está bem cuidada", enfa-

tiza.

OUTROS NOMES

Além de ter homenageado mais de cem jornalistas paranaenses, Curitiba não se esqueceu de dar nomes a jornalistas famosos no país e que nunca residiram no Paraná, como Saldanha Marinho, Quintino Bo-caiúva, Lindolpho Collor-avô do ex-presidente-, e Alcino Guanabara, para citar somente alguns. Na cidade há também uma rua Assis Chateaubriand, em homenagem ao fundador dos Diários Associados. Curitiba, contudo, não lembrou Chatô como jornalista, mas como embaixador.

PRAÇA
JOÃO RÉGIS FASSBENDER
TEIXEIRA

(1936-1998) Advogado, escritor e jornalista, trabalhou no O Dia, no Diário de Notícias, O Globo, O Estado de São Paulo e Gazeta do Povo, onde colaborava com a coluna Direito no Trabalho.



Everson Bressam

tado e jornalista, foi redator-chefe do Diário da Tarde.

REINALDINO SCHAFFENBERG DE QUADROS (1878-1929). Colaborou no Diário da Tarde, Olho da Rua, Comércio do Paraná, Álbum do Paraná e Jornal dos Poetas.

ROBERTO BARROSO (1895-1965). Foi advogado, político e tabelião. Como jornalista dirigiu em Paranaguá a revista Cruzada e os jornais Diário do Comércio, o Eco e O Jornal, além do Diário da Tarde, em Curitiba.

ROCHA POMBO (1857-1933). Era historiador e escritor. Como jornalista, redigiu para O Eco dos Campos, Castro, Gazeta Paranaense e Diário do Comércio.

RODRIGO DE FREITAS (1888-1945). Dirigiu o Diário da Tarde, o Correio do Paraná e O Dia. Foi redator do jornal A República. Dirigiu A Batalha e a Esquerda, jornais do Rio de Janeiro.

ROMÁRIO MARTINS Iniciou como aprendiz de tipó-

grafo, no Dezenove de Dezembro. Como jornalista, colaborou no Diário do Comércio e A Tribuna e fundou as revistas O Domingo, Cidade de Curitiba, O Meio, A Pena, A Evolução, Turris Eburnea, Álbum, Caras & Carancas e Paraná Moderno.

RUBENS CHAGAS Era radialista

SANITO ROCHA (1881-1935). Luciano Ignácio da Rocha Júnior colaborou no Diário da Tarde, O Dia e no A República.

SILVEIRA NETTO (1872-1942). Manoel Azevedo Silveira Netto foi poeta e, como jornalista, fundou as revistas A Luta, O Guarani, Turris Eburnea e Pallium. Foi um dos fundadores e colaborou com O Cenáculo.

ULISSES VIEIRA (1885-1942). Advogado, delegado e deputado, dirigiu o Diário da Tarde.

AVENIDAS

ADERBAL GAERTNER STRESSER

Foi diretor do Diário do Paraná FRANCISCO M. ALBIZU Colaborou em vários jornais, na área esportiva.

MAURÍCIO FRUET (1939-1998). Foi advogado e vereador, deputado estadual e federal e prefeito de Curitiba. Como jornalista, trabalhou no Diário da Tarde, antes de ingressar na política.

LARGOS

FREDERICO FARIA DE OLIVEIRA (1895-1957). Foi diretor de O Dia, colaborador da Gazeta do Povo e redator de A Tarde.

TRAVESSAS

FLAVIO LUZ (1887-1964). Um dos fundadores da PRB-2, colaborou no Diário da Tarde, na Gazeta do Povo, em O Dia e na Revista de Espiritualismo, além de A Careta e Diário de Notícias, do Rio de Janeiro.

LEOCÁDIO PEREIRA DA COSTA (1832-1884). Fundou o primeiro jornal editado em Paranaguá, o

Comércio do Paraná. Colaborou na revista Itiberê, em 1882.

NESTOR DE CASTRO (1869-1906). Foi considerado "o príncipe dos polemistas do Paraná". Jornalista do Dezenove de Dezembro, em 1894, redatoriu a Federação, órgão federalista. Foi redator do jornal carioca "Cidade do Rio".

SYLVIO VAN ERVEN (1887-1964). O coronel Sylvio Van Erven foi um dos fundadores do Corpo de Bombeiros do Paraná. Editou o anuário Sul do Brasil e, por dez anos, a revista Expansão Econômica.

PRAÇAS

GENEROSO MARQUES (1844-1928). Generoso Marques dos Santos foi advogado, político e jornalista. Foi presidente do Estado do Paraná. Como jornalista redigiu os jornais Paraná e Província do Paraná. Fundou A Reforma, em 1881.

JOÃO RÉGIS FASSBENDER TEIXEIRA (1936-1998) Advogado, escritor e

jornalista, trabalhou no O Dia, no Diário de Notícias, O Globo, O Estado de São Paulo e Gazeta do Povo, onde colaborava com a coluna Direito no Trabalho.

JULIO ALÍPIO BEGHETTO (1960-1992). Foi jornalista do Correio de Notícias e da Secretaria de Comunicação Social do Governo, tendo exercido o cargo de porta-voz no governo Roberto Requião.

VIVIAN CALOPRESO BRAGA (1959-1991). Foi apresentadora e repórter da TV Paranaense/Canal 12. Trabalhou como repórter no Jornal do Estado.

PARA SABER MAIS Nesta relação só foram considerados os jornalistas que residiram ou trabalharam no Paraná. Esta pesquisa não representa a totalidade dos jornalistas homenageados. Sua realização foi feita através:

- Consulta no livro Almas das Ruas (Vol. I, II, III e IV), de Maria Nicolas
- Entrevista com João Dedede Freitas Neto
- Cruzamento de dados da DRT com a lista telefônica.

Própria Iniciativa

EMOÇÕES E ESTÓRIAS DO FUTEBOL

Toda a segunda-feira, o jornalista Aloar Odin Ribeiro oferece um presente aos leitores da Gazeta do Po-vo: a coluna Ontem e Hoje, que em cada

edição traz uma homenagem de meia página a um ídolo do futebol, árbitro ou dirigente do passado: um levantamento histórico inédito na imprensa paranaense. A iniciativa só poderia partir de Aloar, que comemorou em março 40 anos na

editoria de esportes do jornal e sempre teve o hábito de colecionar artigos e gravações sobre futebol, além de filmes de cinema do passado.

Seu arquivo contém raridades como um vídeo com uma coletânea de gols de Si-cupira, fitas cassete e de vídeo de Atletibas e decisões de campeonatos. Alguns discos em vinil foram possíveis por que Aloar pagou a Eugênio Felix, que possuía um estúdio e transformava as fitas em acetato. Há também filmes de jogos, cujas imagens foram gravadas por Eugênio e o som acrescido através de cópia em fita cassete da transmissão de rádio. Todo este material, incorporado ao arquivo da própria Gazeta, dão suporte para as matérias. Sua experiência e

seu sentido de organização fazem, no entanto, as diferenças. "Eu vivia sempre no campo e cobria todos os clubes. Vi grandes jogos e craques daqui e de fora. E acho que vivi a grande fase do futebol, do rádio e do cinema", afirma.

A coluna é uma forma do profissional resgatar a história do futebol paranaense e contar um pouco sobre o que viu e escreveu no passado. Na coluna já foram relatadas as carreiras de craques como Afinho, Jackson, Tocafundo, Carazzai, Alceu Zauer, Ciseno Brandalise e Haroldo Fedato, entre outros. Para Aloar, a entrevista mais emocionante foi mesmo a com o ex-zagueiro do Coritiba. "O Fedato foi para mim o maior jogador que o Coritiba teve em todos os tempos. Era a emoção dele em relatar

a sua história e o que a gente ia sentindo", lembra Aloar, que é "coxa-branca" confesso. Outra matéria especial foi a realizada com Coutinho, que no Santos fez dupla com Pelé e que depois de publicada emocionou o ex-jogador. "Ele me mandou até um cartão, dizendo que foi a primeira vez que contaram a história dele sem deslize", destaca.

Ao dar voz a craques do passado, a coluna encanta não apenas a torcedores saudosistas, mas porque convida à reflexão sobre o futebol praticado hoje. "A maioria fala que muita coisa no futebol de hoje está errada", comenta Aloar. "Hoje os jogadores têm preparo físico, mas quanto a preparo técnico deixam a desejar. E os esquemas táticos prendem demais a bola. Hoje, quando sai um 3x2 é uma maravilha. Antes os jogos tinham mais gols. Era 4x3, 4x4: uma diferença brutal".



Aloar Ribeiro: vivendo e escrevendo a história do futebol.

Foto digitalizada - Everson Bressam

ANÚNCIO
DIÁRIO POPULAR



Ante ao problema constante de saúde dos repórteres cinematográficos, o Sindicato dos Jornalistas e a ARFOC mostram-se preocupados. A solução às empresas – e que se revela mais barata do que pagar no futuro o salário de um funcionário em licença médica – é investir na prevenção de lesões, organizando atividades físicas e de relaxamento aos repórteres e, sobretudo, optar por um equipamento mais leve.

Como as demais emissoras da Rede Globo, a

TV Paranaense - Canal 12 utiliza câmaras em sistema Betacam, que chegam a pesar 13,5 quilos. As câmaras das outras emissoras são um pouco mais leves, chegam a 10 quilos. Na Educativa, as câmaras em VHS Super que utiliza pesam seis quilos. Somente na TV Curitiba Canal 2 (Bandeirantes) o peso não é problema. A emissora optou pelo sistema digital, em que as câmaras são menores e pesam três quilos.

Os problemas de saúde são provocados não

apenas pelo peso, mas pela manutenção do equipamento por longos períodos sobre o ombro e o fato deles terem de trabalhar com o corpo rígido, para não tremer a imagem, ainda quando não estão em lugares planos. Décio Quequi lembra-se de um show no Estação Plaza, em que ele teve de trabalhar o tempo todo torto, detrás de uma coluna. “Em um dia, pode-se perder o trabalho de um ano de fisioterapia”, esclarece.

SEM TRIPÉS

Entre os tipos de cobertura mais devastadoras a saúde dos repórteres, está o jogo de futebol. Durante as partidas é comum ver os repórteres com as câmaras suspensas nos ombros por um longo tempo da partida. É a única forma de registrar um lance importante, com o impacto exigido pela televisão atual. O tripé acaba sendo deixado de lado pelos próprios profissionais, sob a justificativa de que limita a capacidade de

trabalho.

Para o repórter cinematográfico cansado ou que sente muitas dores no corpo, a utilização do tripé pode, contudo, ser uma alternativa para não perder o trabalho. Décio Quequi recorda de alguns coquetéis em que instalou o equipamento no canto e o repórter ou o assistente foram atrás das personalidades para a entrevista. Algo que era muito comum na década de 60, quando as câmaras eram ainda mais pesadas e não haviam os equipamentos portáteis.

SURPRESA

Décio Quequi se surpreende de como não pegou alguma doença transmissível, nos 20 anos de trabalho como repórter cinematográfico. Ele foi um dos repórteres escalados para cobrir a grande enchente sobre União da Vitória, em 83, quando chegou a atravessar o rio Iguaçu à noite, sem colete salva-vidas. Ele também recorda de enchentes curitibanas, como a de 88. “Eu estava na Praça Osório, diante do Mercadorama, com a água pelo peito e via coisas estranhas flutuarem”. Tudo por imagem sensacional, uma cobertura diferenciada na telinha.

Na próxima edição, serão apresentados problemas semelhantes com os repórteres fotográficos.

INEXPERIÊNCIA DE REPÓRTERES CONTRIBUI PARA AGRAVAR PROBLEMAS

Um dos maiores inimigos à saúde dos repórteres cinematográficos são os repórteres perfeccionistas e os inseguros, que chegam a repetir uma passagem inúmeras vezes, até acertar. “O momento da passagem, conforme o repórter com quem se trabalha, é terrível”, afirma o repórter cinematográfico Pedro Serápio. “Há repórteres recém-formados e que estão inseguros, que chegam a fazer 20 passagens.

Isso começa a produzir estresse na equipe”.

Outro problema são os repórteres que não buscam adequar suas entrevistas ao tempo necessário para a televisão. “Há pessoas que são entrevistadas e falam ininterruptamente por 10, 15 minutos. Quando termina a entrevista, nós, cinegrafistas,

estamos acabados”, diz.



Pedro Serápio: reclamações.

Regional

LANCE! TEM EQUIPE NO PARANÁ

Jornal esportivo regionaliza edição em busca da liderança de mercado

A exemplo da Gazeta Mercantil, o jornal Lance! está apostando na regionalização das suas edições. A intenção é se firmar como o maior diário esportivo do país, na medida que desde sua criação em novembro de 97 possui edições distintas para São Paulo e Rio de Janeiro, produzidas nos próprios estados. O segundo passo do empreendimento foi dado em março, com o lançamento do Lance! Paraná, que desde o dia 6 tem disputado a preferência dos leitores com jornais que priorizam o esporte como a Tribuna do Paraná e o Diário Popular, além dos cadernos de esporte dos outros jornais. Com a regionalização, o Lance! aumentou sua presença nas bancas em Curitiba. An-

tes, chegavam a cidade mil exemplares. Agora são dez mil na segunda-feira (dia de maior procura por esportes) e sete mil nos demais dias da semana.

A rapidez com que o projeto foi implantado no Paraná surpreendeu até mesmo a Julio Tarnowski Júnior, editor responsável pelo Lance! no Estado. "A intenção era primeiro implantar o jornal em Belo Horizonte e Porto Alegre, lugares com clubes

de maior tradição no futebol", diz. Curitiba foi, no entanto, a "bola da vez", pela sua proximidade com São Paulo, pela ascensão dos clubes no futebol brasileiro, demonstrada pelas campanhas do Atlético e do Coritiba, em 96 e 98, pelo título brasileiro do Rexona no vôlei feminino

e, sobretudo, o contrato com o Grupo J. Malucelli (dirigido por Joel Malucelli, ex-presidente do Coritiba e um dos proprietários do Malutrom), que responsabiliza-se pela comercialização e distribuição do veículo. A redação ficou por conta de Julio, que está criando a sua própria agência: a Sport News, em parceria com o jornalista Alexandre Teixeira. "A agência terá o Lance! como produto principal, mas a intenção é também oferecer

serviços a outros veículos", diz. Por ora, Julio conta com jornalistas contratados em regime "freelance", como o repórter Edmundo Inagaki, ex-Folha do Paraná, e os repórteres fotográficos Albari Rosa, Gilson Abreu e Denis Ferreira. A redação completa-se ainda com o colunista Altair Santos, Tatiana Ribeiro e Thiago Almada, para pesquisa e apoio. Essa equipe fecha diariamente quatro páginas com notícias locais, incluindo a capa do jornal, que é o principal mote comercial da regionalização. No caso do Paraná, as matérias são enviadas à redação do Rio de Janeiro por um sistema de computador inédito no país, por meio do qual o jornalista pré-diagrama a página. No Rio de Janeiro ganha o padrão final de diagramação, para então,

Foto digitalizada - Everson Bressam



Parte da equipe do Lance!: Edmundo, Thiago, Tatiana, Julio e Gilson Abreu.

Rádio Corredor

- ▶ O curso de Comunicação do Positivo inicia com seis professores jornalistas. Além do coordenador Alexandre Castro, estão lá: Tomaz Barreiros, Zaclis Veiga, Marcelo Lima, Adriane Werner e Márcia Lobato.
- ▶ Hugo Abatti é o novo professor de Reportagem em Telejornalismo, na PUC.
- ▶ "Fanfarra Infante" é o nome do terceiro livro do jornalista Otávio Duarte, que estava há doze anos afastado do mercado editorial. Realizado em parceria com o artista gráfico Luiz Antonio Guinski, o livro traz poemas e fragmentos em prosa de Duarte e teve cada página tratada como se fosse uma tela, um quadro. Como obra de arte que é, "Fanfarra Infante" teve sua edição limitada a 55 exemplares nume-

rados e assinados, que estão à venda na galeria Solar do Rosário.

- ▶ Giovanoni Winters deixou a CNT, onde era editor de internacional. Foi para a Secretaria de Comunicação Social do Governo.
- ▶ A edição especial sobre crianças do jornal laboratório "Comunicare", da PUC, está entre os cinco finalistas do Prêmio Ayrton Senna, na categoria Estudantes de Comunicação. Na categoria participaram 647 trabalhos. A entrega de prêmios acontece em 29 de abril.
- ▶ Kátia Pichelli deixou a Pastoral da Criança. Ela assume a assessoria da Embrapa, após ter vencido concurso.
- ▶ A Editora Jornal de Beltrão, que edita o Jornal de Beltrão,

a revista mensal Gente do Sul e o jornal de humor Trago & Prosa inaugura em 30 de abril sede própria em Francisco Beltrão. O jornal tem seis jornalistas - três diplomados e três provisionados - e comemora em 1º de maio dez anos de circulação no Sudoeste do Paraná.

- ▶ Marco Asséf não é mais o assessor do Coritiba Futebol Clube. Por ora está frilando.
- ▶ Adriana Mugnaini, Aline Esteves de Castro e Daniela Weber Licht, recém-jornalistas formadas pela PUC, criaram sua própria agência de notícias: a Básica Comunicações Ltda.
- ▶ Isabella França deixou a Folha do Paraná para dedicar-se exclusivamente à Literal Link. A página dois do Caderno Dois é assinada agora por Ruy Barroso, das segundas

aos sábados. Aos domingos, a Folha publica a coluna de Reinaldo Bessa.

- ▶ Outras contratações da Folha: Luciana Pombo para a geral, ela que estava na rádio CBN. Para a editoria de esportes, em substituição a Edmundo Inagaki, que foi contratado para o Lance!, o jornalista e músico Fernando Tupã. Há seis anos ele residia nos Estados Unidos.
- ▶ Joanita Ramos está a toda. Realiza na Livraria Arcadia o curso para leigos "Relações com a Imprensa e comunicação criativa", que inicia em 8 de abril. Em maio, outro curso: "Jornal de Escola", nas Livrarias Paulinas, que abordará aspectos pedagógicos na elaboração de um jornal.
- ▶ O escritor e jornalista Aldir Buiar fez novo lançamento da sua obra Raça Humana

em Curitiba, e foi enviada para a Biblioteca Pública do Paraná, em 25 de março, onde é impresso.

- ▶ Os programas da Central de Radiojornalismo do jornalista Jorge Cury estão disponíveis aos internautas. A Central conta com endereço eletrônico (www.b.com.br/~crj), que traz o programa sonorizado, igualzinho aos recebidos e retransmitidos por 55 emissoras, em todo o Paraná.
- ▶ A Fundação Ecumênica de Proteção ao Excepcional prestou em 9 de março homenagem à colonista Juril Carnasciali, dando seu nome ao novo Complexo Educacional da entidade. Localizado no Bacacheri, o Complexo deverá atender a 80 crianças especiais, nos períodos da manhã e tarde.

Literatura

VALÊNCIO CONQUISTA O PRÊMIO JABUTI

Valêncio Xavier venceu o Prêmio Jabuti, da Câmara Brasileira do Livro, de "Melhor Produção Editorial", por "Mez da Grippe e outros livros". A coletânea foi editada pela Companhia das Letras e esteve entre os livros mais vendidos no país ano passado. A obra havia também sido indicada na categoria "Melhor Ro-

mance". Pela vitória, Valêncio embolsou mil reais em dinheiro, mas sobretudo teve aumentado seu prestígio como escritor. O livro ainda concorre ao Jabuti de "Melhor Livro do Ano", cujo prêmio será divulgado em abril.

"Alguma coisa me dizia que eu ia ganhar. O mais importante de tudo é que, ao que me consta, essa é a primeira vez que uma

obra literária recebe este prêmio. Nesta categoria, os premiados são geralmente livros de pintura e de fotografia", explica. Em seu livro, ele acresce à narrativa literária imagens fac-similares de jornais, fotogramas de cinema e fotografias: uma colagem que traduz as muitas facetas de sua vida profissional. Para garantir fidelidade ao produto final, o próprio Valêncio entregou a obra inteiramente diagramada à editora.

O jornalista acredita que o Prêmio Jabuti, por ser



Valêncio Xavier conquista prêmio e já prepara novo livro.

Julio Covello

referencial na literatura brasileira, pode aumentar a procura pelo livro, que já vendeu mais 1.500 exemplares da primeira edição de 3 mil. Em consequência da aceitação do público à forma literária adotada por Valêncio e à ampla divulgação que teve para editar outros dois livros, "Mez da Grippe" e "Nem só de pão vive o homem", teve 218 exemplares vendidos só no dia do lançamento. A edição de sua primeira obra, com 2 mil exemplares, esteve em circulação até o final de abril. Ela praticamente assegurou a segunda edição, que deve atender aos pedidos de

O último lançamento de Valêncio foi "Meu 7º Dia - Uma Novela Rébus", lançado este mês em Curitiba, pela Edições Ciência do Acidente.

JORNALISTA PARANAENSE É FENÔMENO DE VENDAS

Um fato raro. Um livro vendido somente em Curitiba esteve em nono lugar na lista dos mais vendidos no Brasil, no ranking aferido e publicado semanalmente pela Veja. A proeza foi conquistada pelo jornalista Luiz Alfredo Malucelli, logo no seu primeiro livro: "Nem só de pão vive o homem. Histórias e receitas da Coluna do Malu", editado pela Le-traViva, do também jornalista Celso Nascimento. Outra surpresa: Malu obteve o nono lugar no ranking da revista que circulou entre 28 de fevereiro e 6 de março, sendo que o livro só foi lançado oficialmente em 9 de março, em noite de autógrafos no Clube Curitibano.

A fórmula do sucesso de Malu foi reunir em um mesmo livro histórias de gente do Paraná e receitas

culinárias, que dão o tom da coluna que escreve há dois anos e meio na Gazeta do Povo - sempre publicada aos sábados - e na revista Almanaque, do Mercadorama. Antes disso, por três anos, escreveu para o Indústria & Comércio, quando decidiu sempre encerrar a coluna com uma receita culinária. "As mulheres c o l e c i o - n a m tradicionalmente receitas. Mas, agora, tenho notado isso com os homens. Existem os que gostam de cozinhar por lazer ou mesmo terapia. Eu, quando cozinho, "viajo": consigo limpar a cabeça explica Malu.

Luiz Alfredo Malucelli começou com o jornalista em 57, na Gazeta do Povo. Em

59, transferiu-se para a Tribuna do Paraná. Trabalhou em rádio e TV. Em 1970, foi para a área comercial da TV Paranaense e chegou a ser gerente do setor por dez anos, de 80 a 90. A facilidade com números e balanços, o fez corretor autônomo no Paraná Banco, onde ainda trabalha. Seu talento de contador de histórias vem desde os tempos da Tribuna, quando redigia uma coluna de esportes.

Estórias de jornalistas

No livro, as histórias aparecem em capítulos específicos para cada profissão, havendo um inteiro sobre histórias de jornalistas e radialistas. "Neste livro há histórias do João Dedeus Freitas Netto, do Marcos Batista, do Luiz Geraldo Mazza, do pessoal da Tribuna, da Gazeta...", relata Malu. Os textos foram escolhidos por Celso Nascimento, que, segundo o escritor, possui material suficiente



Luiz Alfredo Malucelli esteve na lista dos mais vendidos da revista Veja.

livreiros de outros estados, o que aconteceu após o nome do livro ter aparecido na Veja. "Eu nem sonhava que um dia estaria no ranking", admite Malu. Este repentino sucesso, contudo, injetou nele um pouco de medo. É o receio de magoar alguma personagem no futuro. "A procura pelo livro aumentou a responsabili-

TRECHOS DO LIVRO

MEU APELIDO É CACHORRÃO

Jorge Eduardo Mosquera, repórter, e Carlos Sobolewski, fotógrafo, foram incumbidos de entrevistar o ditador Alfredo Stroessner, em sua casa em Guaratuba, logo depois que ele fora derrubado no Paraguai. Mal chegaram perto, um segurança, de arma em punho, gritou:

- Nome e apelido?
- Jorge respondeu:
- Meu nome é Jorge mas a turma me chama de Cachorrão...
- Só para quem não "habla" espanhol: nombre é nome; apelido é sobrenome.

Naquele tempo, Jorge trabalhava na Folha de Londrina e era costume entre eles um chamar o outro de "cachorrão".

FRANGO À MALU

O título não é cabotinismo. Foi dado pelo publicitário João José Werzbitszki, quando atendia a conta da Batavo. O Frango à Malu fez parte do receituário da Batavo e teve milhões de cópias distribuídas pelo Brasil.

Ingredientes
Um frango inteiro, cebolas miúdas, bacon picadinho, 200 gramas de manteiga, três dentes de alho moído, sal grosso de churrasco e pimental-malaguetta a gosto.

Como Preparar
Encha o frango com as cebolas, bacon, alho, metade da manteiga e uma colher de sopa de sal grosso. Costure bem. Unte o frango com o resto da manteiga e asse o sal grosso. Asse em fogo médio (no forno). No espeto, hora e meia sem furar. Espete pelas coxas para não vazar o molho.

História e receita extraídas do livro "Nem Só de Pão Vive o Homem- Histórias e Receitas da Coluna do Malu", de Luiz Alfredo Malucelli.

Biblioteca de Comunicação

A LONGA DURAÇÃO DOS NOSSOS MEDOS

Ciméa Bevilaqua

Historiador compara os temores às vésperas do ano 1000 e do ano 2000

É possível comparar as experiências vividas pelo Ocidente no fim do primeiro milênio e as ansiedades que rondam a chegada do ano 2000? Foi este o desafio proposto pelos jornalistas Michel Faure e François Clauss ao historiador francês Georges Duby, um dos maiores especialistas contemporâneos em história medieval. Essa longa entrevista, aliás, é um dos últimos registros do pensamento de Duby, falecido em dezembro de 1996.

É claro que mil anos são um tempo muito longo para que se possa falar de continuidades diretas entre os dois contextos. Ainda assim, as reflexões do historiador mostram que os pontos de aproximação são mais numerosos do que se imagina.

Os principais medos contemporâneos - o medo da miséria, o medo do outro, da violência, das epidemias - não são assim tão diferentes dos que rondavam os espíritos às vés-

peras do ano 1000. O que muda é a forma de expressá-los. A diferença pode ser acompanhada também nas dezenas de reproduções de obras de arte medievais que integram o livro.

O Apocalipse e a fome

De acordo com Duby, é falso supor que a aproximação do ano 1000 tenha provocado uma espécie de pânico coletivo. Havia uma espera permanente e inquieta do fim do mundo, mas o Apocalipse também despertava no homem medieval a esperança do fim das privações cotidianas, essas sim temíveis.

No ano 1000, a vida era atormentada pelo medo da fome. Mas, nesse mundo difícil, a fraternidade e a solidariedade garantiam a sobrevivência. A pobreza não condenava, como hoje, à solidão. Para Duby, a verdadeira miséria só aparece no século XII, como consequência da migração dos campos para as cidades. A re-

jeição dos miseráveis se manifesta ainda mais tarde, no século XIV.

Por volta do ano 1000, o medo do outro é, principalmente, o medo do estrangeiro, ou melhor, daquele que não pertence à comunidade cristã: o pagão, o judeu, o muçulmano. Os loucos têm melhor sorte. Estava presente a idéia de que o louco é um homem de Deus, um ser que participa, de alguma forma, do conhecimento das coisas invisíveis.

As epidemias, a violência e a morte

Outro medo abala a Europa no ano 1000: o "mal dos ardentes", uma doença desconhecida que prenuncia as devastações da peste negra, no século XIII. Essa epidemia é vivida como uma punição do pecado. Procuram-se bodes expiatórios e encontram-se os judeus, acusados de envenenar os poços. As cidades se isolam, proibindo a entrada do estrangeiro suspeito de trazer o mal.

Outra doença é particularmente temida: a lepra, considerada o sinal distintivo do desvio sexual. A devastação física provocada pela doença seria o reflexo da podridão da alma. Os leprosos são isolados e encarcerados, numa rejeição tão

radical - compara Duby - quanto algumas atitudes dos contemporâneos em relação à Aids.

Além da doença, a violência também atormenta os espíritos. Seus responsáveis são, principalmente, os cavaleiros e os bandos militares, considerados pelos camponeses como agentes do demônio. Além de saques, promovem torneios "esportivos" que são um simulacro da guerra. Em vez dos duelos coratenses que o cinema retrata, é mais correto imaginar multidões vociferantes que se lançavam uma contra a outra e faziam centenas de vítimas.

Aliás, talvez a principal diferença entre os medos do passado e do presente esteja justamente na atitude diante da morte. Naquela época, lembra Duby, ninguém duvidava da existência de um outro mundo. A morte era encarada como uma passagem, celebrada em cerimônia entre parentes e



vizinhos. Mais do que a morte, nossos ancestrais temiam o Juízo Final e os suplicios do inferno.

Por isso mesmo, não havia o temor do desaparecimento da espécie humana, muito menos de espécies animais. Os homens medievais estavam certos de que, num dado momento, não existiriam mais homens na terra. Mas somente porque eles estariam em outro lugar: no céu, ou no inferno. De lá para cá, o que morreu foi a esperança.

Ano 1000, ano 2000: na pista de nossos medos. Georges Duby. Editora da Unesp, 1998.

POLÍTICA NO MERCOSUL



Quanto mais se fala em Mercosul, mais evidente se torna a carência de informações sobre a realidade sócio-econômica e política dos demais países da região. Daí a importância dessa coletânea, que fornece um panorama geral sobre a gênese, estrutura e funcionamento das instituições políticas da Argentina, Paraguai, Uruguai e Brasil.

O capítulo final analisa as identidades e diferenças da formação da sociedade nacional, da estrutura do Estado, do governo presidencial e dos sistemas eleitoral e partidário nos quatro países.

Os estudos sobre a Argentina, Paraguai e Uruguai foram publicados em espanhol.

Instituições políticas comparadas dos países do Mercosul. José Antônio Giusti Tavares e Raúl

OS CAMINHOS DA ENTREVISTA

Quais são os caminhos para a realização de uma boa entrevista? Em vez de decorar manuais, um grupo de estudantes da PUC-SP decidiu ir direto à fonte, isto é, aprender com jornalistas experientes os segredos do diálogo entre entrevistador e entrevistado.

A pesquisa assumiu a forma de um exercício prático, com a realização de entrevistas com doze profissionais: Armando

No-gueira, Gilberto Nascimento, Alberto Dines, Sérgio Buarque de Gus-mão, Juca Kfour, Luís Nassif, Ricardo Kotscho, Chico Pinheiro, Boris Casoy, Heródoto Barbeiro, Maria Lyda e Miguel Dias. O fio condutor é a ética no relacionamento com as fontes.

Entrevista e ética: uma introdução. Marcos Crippa (org.). Editora Unesp, 1998.

Artigo

IMPRESSÕES DA SUÍÇA

Mônica Fort

A Suíça é um dos mais belos países do mundo, onde as coisas funcionam. Os horários dos trens por exemplo, salvo raríssimas exceções, são extremamente precisos. Existe uma obsessão pelo perfeito funcionamento das coisas – não é à-toa que cultuam o relógio. É também um lugar verdadeiramente democrático, onde nos sentimos cidadãos com direitos e, é claro, deveres. As pessoas são muito educadas, mas se respeita demais a individualidade dos outros. Quando encontramos outras pessoas nas ruas, elas nos dizem: “Bonjour Madame, bonjour Monsieur”. No entanto, não passa disso. Aquele “calor humano” típico dos brasileiros, com abraços e beijos, vê-se somente entre amigos de longa data.

A Suíça é um país de estrangeiros. Há pessoas de todas as partes do mundo por aqui. Não é raro escutarmos idiomas difíceis de identificar. Há povos árabes, indianos, africanos... Além dos vizinhos: alemães, austríacos, franceses, italianos... Encontramos também muitos brasileiros, portugueses, espanhóis, norte-americanos e vietnamitas. Então, para se comunicar, fica relativa-

mente fácil, porque você pode começar uma frase em alemão e terminá-la em chinês que, provavelmente, se fará compreendido. Também, não é para menos, essa multiculturalidade é antiga.

der, logo nos primeiros anos escolares, o francês e o alemão, porque estão na região menos desenvolvidas da Suíça, onde praticamente não há universidades públicas. Então, quando na idade de

em Alemão. Nas grandes viagens, aquelas de se cruzar o país (isso pode ser feito em seis horas), primeiro as mensagens são passadas no idioma oficial do cantão, depois em alemão e/ou francês, e em inglês.

As distâncias na Suíça, para brasileiros, são todas curtas. Mas paisagens são indescritíveis. A Suíça pos-

vacas que freqüentavam spas nos Alpes Suíços. Está aí uma publicidade fiel ao cenário.

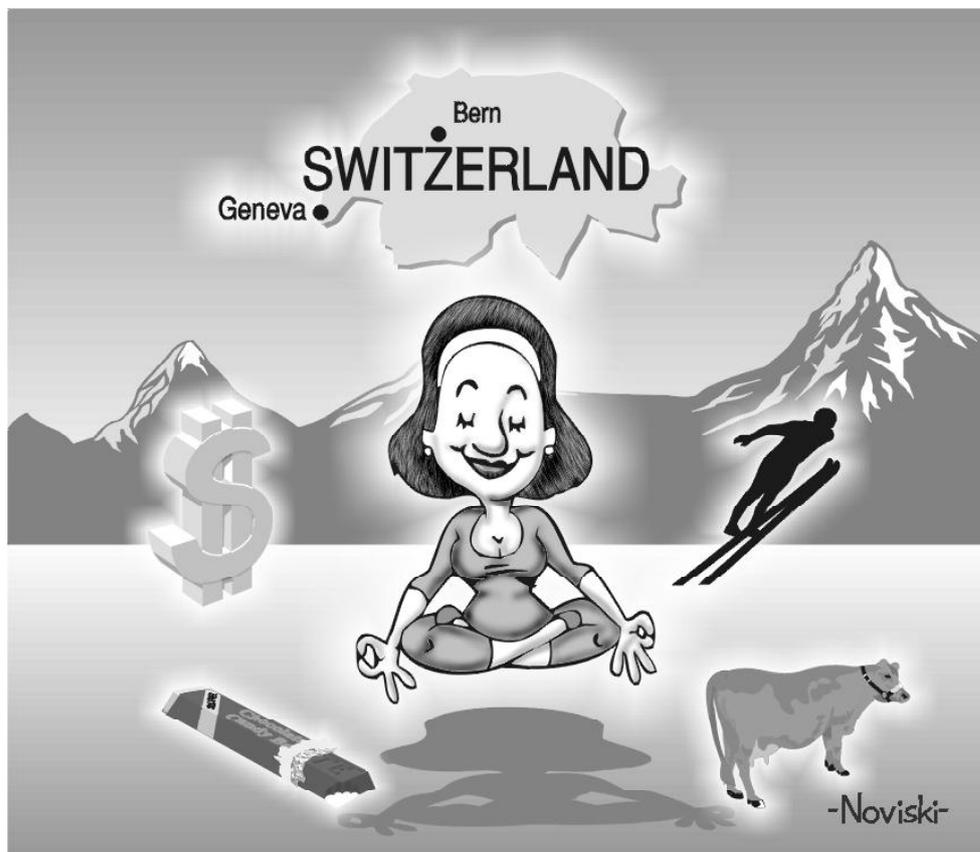
No inverno, as pessoas são preparadas para o pior, mas as temperaturas nas cidades não são tão cruéis como se pode imaginar. Além disso a meteorologia é “certeira”, se diz que vai nevar, pode esperar que a neve vai aparecer. O mes-

mo ocorre quando fala que vai esquentar, chover, gear... A precisão suíça não deixaria por menos.

A Suíça não faz parte da Comunidade Econômica Européia, mas está no centro do continente e os debates para a participação ativa no Mercado Comum não cessam.

Os direitos trabalhistas são avançados, mas há problemas sociais, como em qualquer outro país: preocupação quanto ao uso de drogas e o aumento da violência ou a falta de empregos para jovens altamente capacitados. Mas

a qualidade de vida do suíço é invejável. Todos estão amparados pelas leis e também as respeitam. Portanto, notícias de repercussão nacional são relativamente poucas. Não é raro assistir no principal telejornal do dia uma reportagem sobre a criação de cabras com 10, 15 minutos de duração, ou acompanhar por vários dias nos jornais as repercussões de um seqüestro envolvendo uma ex-miss e o namorado, que aliás acabaram sendo localizados



A Suíça, com seus 23 cantões, possui quatro idiomas “oficiais”: alemão (mais falado, idioma de aproximadamente 64% do território suíço), francês (18%), Italiano (11%) e românico (7%). Nas escolas, projetos de educação bilingüe são desenvolvidos e aplicados a todo momento, porque em um mesmo cantão, como o de Fribourg, pode-se falar francês e alemão. Os suíços de Ticino, Suíça italiana, têm como língua materna o italiano, mas são obrigados a apren-

gressarem na faculdade, os jovens precisam se deslocar a outros cantões para completarem seus estudos. Os suíços dão muito valor a isso!

No comércio, todas as embalagens possuem inscrições em Francês, Alemão e Italiano. Quando estamos nos trens, algo curioso acontece. Se você está na Suíça francófona as mensagens são passadas em francês. Dali a pouco, você se encontra em um cantão germanofônico e as mensagens passam a ser dadas

sui os cartões postais mais bonitos e variados que podem ser registrados: lagos, montanhas, Alpes, campos... Tudo organizado e ornamentado com edifícios de arquitetura milenar ou animais super bem tratados. Uma publicidade do chocolate Milka, da Nestlé, certa vez mostrou um pasto comparado a uma clínica de repouso e tratamento. A mensagem da propaganda era de que os chocolates em questão eram mais saborosos, por serem feitos com o leite de

Serviço

Free Lance

REDAÇÃO	
Lauda de 20 linhas (1.400 caracteres)	50,73
Mais de duas fontes: 50% a mais	
EDIÇÃO POR PÁGINA	
Tablóide	65,64
Standard	78,67
REVISÃO	
(*) Lauda (1.440 caracteres)	13,24
(*) Tablóide	27,64
(*) Tablita	20,88
(*) Standard	57,70
DIAGRAMAÇÃO POR PÁGINA	
Tablóide	32,82
Standard	44,75
Revista	24,47
(*) Tablita / Ofício / A4	16,70
ILUSTRAÇÃO	
(*) Cor	52,19
(*) P&B	78,29
REPORTAGEM FOTOGRÁFICA - ARFOC	
REPORTAGEM EDITORIAL	
Saída cou ou P&B até 3 horas	119,36
Saída cou ou P&B até 5 horas	223,80
Saída cou ou P&B até 8 horas	298,41
Adicional por foto solicitada	22,52
Foto de arquivo para uso editorial	179,05
REPORTAGEM COMERCIAL/INSTITUCIONAL	
Saída cou ou P&B até 3 horas	237,42
Saída cou ou P&B até 5 horas	422,41
Saída cou ou P&B até 8 horas	596,84
Adicional por foto	44,79
REPORTAGEM CINEMATOGRAFICA	
(equipamento e estrutura funcional fornecida pelo contratante)	
(*) Saída até 3 horas	65,37
(*) Saída até 5 horas	104,38
(*) Saída até 8 horas	171,58
(*) Adicional por hora	26,10
FOTO DE ARQUIVO PARA USO EM	
Anúncio de jornais	387,82
Anúncio de revista e TV	417,77
Capa de disco e calendário	537,14
Outdoor	822,95
Cartazes, folhetos, camisetas	268,57
Audiovisual até 50 unidades	566,98
Audiovisual acima de 50 unidades	a combinar
Diária em reportagem que inclui viagem	328,27
Reportagem aérea internacional	a combinar

Piso salarial da categoria - R\$ 943,43
 (*) Hora Técnica 52,19

Salários de Ingresso

Valores em Reais (R\$) - setembro/98

Repórter, redator, revisor, ilustrador, diagramador, repórter fotográfico, repórter cinematográfico	943,43
Editor	1.226,46
Pauteiro	1.226,46
Editor Chefe	1.415,15
Chefe de Setor	1.415,15
Chefe de Reportagem	1.415,145

- Estes valores são os menores que poderão ser pagos nas redações;
- Em setembro, o menor salário pago nas redações foi de R\$ 943,43;
- Os valores da tabela são para jornada de trabalho de 5 horas;
- O piso salarial da categoria é definido em Acordo Coletivo de Trabalho, Convenção Coletiva e/ou Dissídio Coletivo

Entre Amigos

O ferecer a jornalistas momentos de integração é uma das metas do Sindicato. Em 13 de março, a entidade promoveu uma churrascada na sede social da ASMUC- Associação dos Servidores

Municipais de Curitiba, próximo ao Parque São Lourenço. Futebol, jogos de baralho e bom papo deram o tom da confraternização, que reuniu colegas dos mais diversos veículos de comunicação.



Da esquerda para a direita: Hiram, Adélia, Celia, Maigue e Almir.



Cosmo e Carlos correndo atrás da "redondinha".



Da esquerda para a direita: João, Altair, Johnny, Emerson e Faxina.

COOPERATIVA DOS JORNALISTAS

Acontece no próximo dia 13 de abril, na sede do Sindicato, às 14 horas, Assembléia para discussão e aprovação dos estatutos da Cooperativa de Comunicação- COOPERCOM, que será um instrumento importante de apoio a jornalistas, para que eles possam enfrentar o momento adverso no mercado de trabalho. Na Assembléia será exigido um quorum mínimo de 20 jornalistas, número determinado por lei para que se legalize uma cooperativa.

Convênios

Good Life

Serviços de Odontologia, Fonoaudiologia, Fisioterapia, Massote-rapia, Medicina e Psicologia. Descontos e tabelas especiais, de acordo com a sua necessidade, em especializações que raramente aparecem em planos de saúde convencionais. Endereços: R. Padre Agostinho, 2800, fone 335-4362 (Odontologia e Fonoaudiologia); Av. Silva Jardim, 266, fone 233-2577 (Fisioterapia); Rua Padre Anchieta, 1826, 2º andar, conj. 212, fone 335-5954 (Medicina); e Rua Princesa Isabel, 927, fone 233-3192 (Psicologia e Massoterapia).

Serviço Odontológico

A clínica Odontológica Ao Seu Alcance oferece serviços com até 30% de desconto na tabela do Conselho Regional de Odontologia. R. Voluntários da Pátria, 475/Conj. 301A - Ed. Asa. Fone: 232-0166.

Lazer

Estação Plaza Show. Entrada gratuita aos jornalistas. O desconto só não vale para os cinemas, que cobram o do jornalista preço integral de ingresso.

Farmácia

Farmácia Dasete, Av. Sete de Setembro, 4655 e 4853, ou pelo Disque Remédio fone 244-9911. Desconto de 10% no pagamento à vista, ou prazo de 30 dias com cheque pré-datado, sem desconto.

Academia

Metropolitan Sports, Rua Emiliano Perneta, 297 - Piso L. Desconto de 25% nas aulas de natação, hidroginástica, musculação, step, localizada e dança de salão.

Vídeo

A rede Blockbuster mantém uma promoção aos jornalistas, que pagam uma fita locada e levam duas. O desconto é válido para quem se cadastrar na Blockbuster. Para tanto, deve o jornalista, pessoalmente, mostrar a carteira de identidade atualizada.

Academia

Academia Kine, Rua Mauá, 706B, Alto da Glória. Ginástica, Nutrição e Fisioterapia. Desconto de 20%. Fone: 253-3841.

Natação

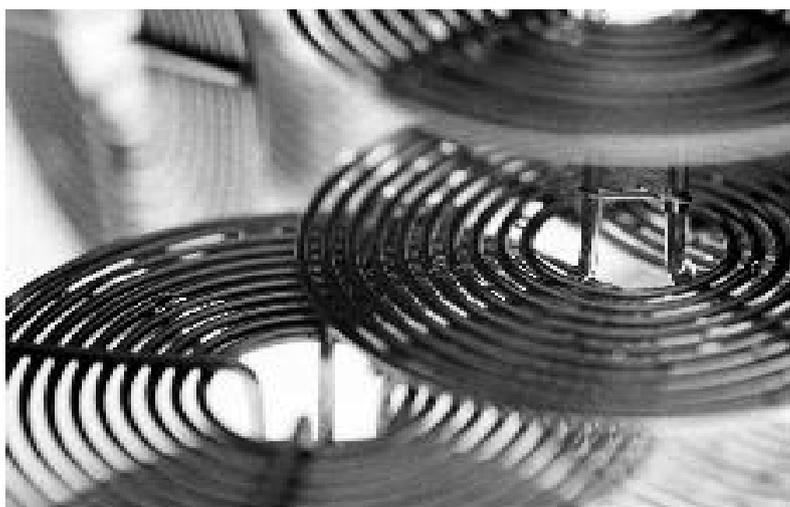
Aquática Escola de Natação. Antônio Grade, 563, fone 335-1310. Vários planos para natação, ginástica, musculação e hidroginástica.

* Para usufruir destes convênios os associados devem apresentar a carteira de identidade de jornalista.

Imagens

EXPOSIÇÃO MOSTRA A PLÁSTICA DOS MATERIAIS FOTOGRÁFICOS

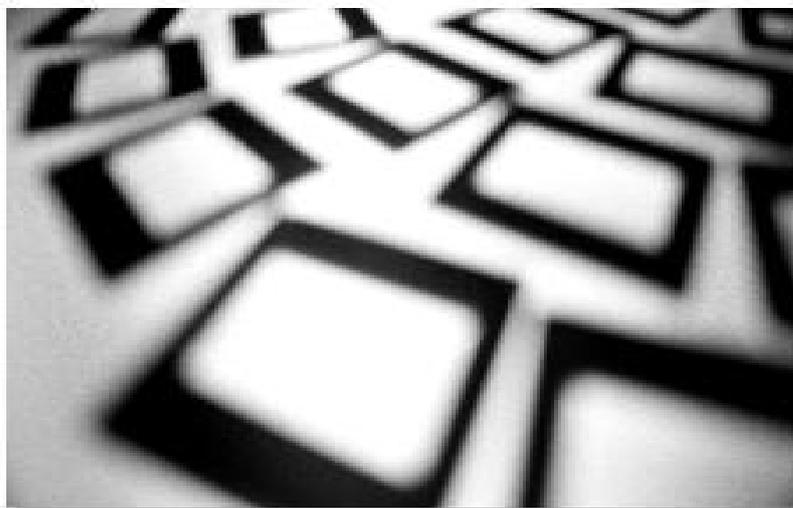
O fotógrafo Kraw Penas exhibe o que se esconde no escurinho dos laboratórios de revelação



Qual um personagem felliniano, Kraw Penas não sabia o que expor no Café Curaçao em março. Havia data para a exposição, algumas das fotos que fez na Folha do Paraná e um vago sentimento de que nelas faltava algo. "Eram fotos boas, mas com as matérias", diz. Eis,

então que lhe surge uma idéia: mostrar a sutil riqueza das formas e luzes presentes nos materiais cotidianos dos fotógrafos. No estúdio, foi necessário apenas uma hora e meia para que fosse criada uma série sofisticada: "Material Sensível", exposta no Café até 7 de abril. Diferente

da primeira exposição individual, realizada ano passado só com as fotos que ilustraram a coluna de Isabella França, "Material Sensível" traz um Kraw experimental, artesão, capaz de elaborar signos com o que tem a sua volta e diz ao seu olhar.



Traga uma. Leve quantas quiser.

1º CICLO DE IDÉIAS

O Sindicato dos Jornalistas do Paraná está comemorando o Dia do Jornalista, 07 de abril, com uma promoção especial: o 1º Ciclo de Idéias 99. Entre os dias 06 e 18 de abril, o Ciclo traz para Curitiba um encontro com nomes como Pedro Bial, Heródoto Barbeiro, Serginho Groisman e Paulo Caruso, entre muitos outros. Todos eles estarão no Memorial de Curitiba, trocando idéias sobre algumas das questões atuais. Participe. E traga a sua idéia para um mundo melhor.

ENTRADA FRANCA. Informações: 041 - 224-9296/
www.sindijorpr.org.br

Promoção:



SINDICATO DOS
JORNALISTAS
PROFISSIONAIS
DO PARANÁ

Apoio:

CURITIBA
PREFEITURA DA CIDADE

FUNDAÇÃO
CULTURAL DE CURITIBA



Idealização e Produção: Cida Mondini e Marco Aurélio Pinna

